

## Novos sons para campanha diferente

*Música popular portuguesa  
música clássica, jazz-rock  
e big band na campanha CDU*

António Vitorino de Almeida, José Eduardo Conceição e Silva, José da Ponte e Guilherme Inês compuseram e gravaram quatro novos arranjos da «Carvalhesa» para a campanha eleitoral da CDU



António Vitorino de Almeida durante a gravação da peça «Abertura clássica sobre um tema de música popular» a 26 de Junho passado, em Lisboa, com uma orquestra de 22 figuras. A versão jazz-rock de Zé Eduardo foi registada em Barcelona a 27 de Junho e a *big band*, também de Zé Eduardo, em Lisboa, em 18 de Julho

Págs. 3, 4 e 5

## Boas novas dos sandinistas

Carlos Brito, que representou o PCP no Congresso da FSLN, escreve sobre a situação actual na Nicarágua

Pág. 10 e 11

# ROCK ITALIANO

na *FESTA*   
Avante!

Atalaia • Amora • Seixal 6, 7 e 8 Setembro 91

Suplemento

## Notas sobre a política económica do Governo

• *Artigo de  
Octávio Teixeira*

Pág. 12

# CDU



## formaliza candidaturas

Pág. 20

## Agrava-se situação no têxtil

Pág. 8

## EDITORIAL

## Unir esforços e vontade



As dificuldades e preocupações dos agricultores reflectem-se no prosseguimento das acções de protesto contra a actual política agrícola

## RESUMO

31  
Quarta-feira

A União de Sindicatos do Porto afirma existem no distrito 6264 trabalhadores com salários em atraso ■ Jorge Sampaio suspende o mandato na CML ■ É prorrogado por mais 17 meses o Acordo Multifibras ■ George Bush e Mikhail Gorbachov assinam em Moscovo o Tratado START e anunciam para Outubro uma iniciativa conjunta de paz para o Médio Oriente ■ A Turquia abole os passaportes na passagem para o norte de Chipre, ocupado desde 1974 ■ A Comissão Europeia dá parecer positivo ao pedido de adesão da Áustria.

1  
Quinta-feira

Uma greve dos trabalhadores da CP deixa o País sem comboios ■ A CGTP critica o Governo e os empresários têxteis pela crise naquele sector ■ A Associação Regional dos Agricultores do Alto Minho reivindica a suspensão das importações de carne, vinho e produtos hortícolas ■ O Ministério da Educação anuncia a criação de duas novas disciplinas no ensino básico: Tecnologia de Design e Comunicação ■ Jorge Sampaio classifica de «descarado embuste» a imagem da RTP/I sobre o trabalho da Câmara de Lisboa e exige o direito de resposta ao Telegiornal ■ Israel anuncia que participará em Outubro na conferência de paz para o Médio Oriente se até lá for resolvida a questão da representação palestina ■ George Bush afirma em Kiev que os EUA desejam conservar «as relações mais fortes possível» com a direcção soviética.

2  
Sexta-feira

PS e MDP/CDE assinam um acordo para as próximas eleições legislativas em que os segundos vão apelar ao voto nos primeiros ■ Deflagram incêndios em vários locais das Beiras ■ A CML aprova o projecto do Centro Colombo e rejeita a construção do Hotel Atlantis junto à Praça de Espanha ■ Helena Vaz da Silva afirma em entrevista ao DN que a CML tem «homem invisível na cultura» ■ A URSS afirma-se favorável ao embargo dos fornecimentos de armas à Jugoslávia, mas rejeita a internacionalização do conflito que nos últimos dias vitimou mais oitenta polícias ■ Termina em Argel o primeiro encontro entre governo e oposição, sem se registar acordo para uma plataforma comum para a organização das eleições ■ Palestinos dos territórios ocupados aceitam participar, com condições, na conferência de paz.

3  
Sábado

Freitas do Amaral, na apresentação do manifesto eleitoral do

CDS no distrito de Lisboa, alerta para um provável novo aumento da carga fiscal ■ Proença de Carvalho, da TVI, considera ilegal a composição do capital da SIC de Pinto Balsemão ■ A Croácia congela as suas relações com a Sérvia, enquanto continua a ser violado o cessar-fogo «imediato e incondicional» ■ A linha férrea entre Madrid e o sul de Espanha é encerrada devido a ameaças de atentado da ETA.

4  
Domingo

A Comissão Directiva Nacional do PRD adia para 10 de Agosto a divulgação do manifesto eleitoral dos renovadores ■ O MNE alemão propõe a criação de uma «unidade de paz» no âmbito da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa, semelhante aos *capacetes azuis* da ONU ■ Alegando «boicote» da Sérvia, a *troika* da CEE deixa a Jugoslávia sem conseguir o acordo necessário para um cessar-fogo no país ■ Uma gigantesca operação de salvamento permite recuperar 600 pessoas que viajavam num navio grego ao largo da África do Sul ■ Termina a sessão extraordinária do CC do PAIGC, iniciada quinta-feira.

5  
Segunda-feira

É divulgada a decisão da Indonésia de aceitar a deslocação a Timor-Leste de uma delegação parlamentar portuguesa ■ Um corpo especial da Polícia impede uma manifestação de agricultores de entrar nas Caldas da Rainha ■ A União dos Sindicatos de Lisboa contesta a aprovação pelo Governo de diplomas sobre matéria laboral em tempo de férias ■ O governo alemão pede aos doze que «encarem seriamente» a possibilidade de reconhecer a independência da Croácia e da Eslovénia e a aplicação de sanções económicas à Sérvia ■ O primeiro-ministro japonês afirma, na abertura da sessão parlamentar, que vai «desenvolver os maiores esforços possíveis» para impedir novos escândalos financeiros no país.

6  
Terça-feira

É aceite o cessar-fogo incondicional na Jugoslávia ■ O PS propõe, como alternativa ao SNS, incentivar o recurso aos seguros privados ■ O ministro Couto dos Santos afirma que uma decisão sobre as televisões privadas só será tomada depois das eleições ■ A CM de Lisboa dá um prazo de 24 horas ao PS para retirar os vinte painéis de propaganda instalados na cidade sem autorização municipal ■ Reúne em Moscovo o CC do Partido Comunista da Rússia ■ Após uma audiência com Collor de Melo, Nelson Mandela revelou que o Brasil está disposto a manter as sanções à África do Sul.

Certos círculos políticos, sociais, mais ou menos vinculados ao PSD, a Cavaco Silva e ao seu projecto restauracionista de classe, esforçam-se por impelir nas calhas da bipolarização política a sociedade portuguesa post-Abril, no momento actual visando as eleições legislativas de Outubro.

Trata-se de uma tese de distorção do nosso sistema democrático pluralista tradicional claramente concebida e articulada para influir nas opções de voto dos cidadãos num sentido favorável à eternização do domínio político da direita, de momento inculcando na opinião pública a inelutabilidade e a inevitabilidade da maioria absoluta do PSD nas eleições de 6 de Outubro.

As sondagens de opinião (e muitas vezes o seu defeituoso tratamento jornalístico) publicadas com intensidade à medida que se aproximam as datas das eleições constituem um dos meios mais sofisticados de influir nas opções de voto dos cidadãos.

Para além dos conhecidos elementos de falibilidade técnica, comprovados pela experiência, é a forma capciosa como os «analistas» lêem os resultados que dá conteúdo à sua manipulação política.

A que foi tornada pública na última segunda-feira, mais uma vez por encomenda conjunta do jornal do grupo Belmiro de Azevedo e da Antena I da RDP do Estado, tutelada pelo ministro Couto dos Santos, é um exemplo frisante de grosseira manipulação política pelos que a encomendaram e trataram.

Os títulos e textos da sondagem induziam a maioria absoluta do PSD mas a análise dos dados e as margens de indefinição e de indecisão de voto permitem tirar outras legítimas e surpreendentes conclusões:

uma, a da inteira possibilidade da perda da maioria absoluta obtida em 1987 pelo PSD;

outra, a do crescimento da CDU em termos significativos que os comentadores silenciam;

outra ainda e conclusiva é a de que a convergência e a soma dos votos da CDU e do PS tornariam possível uma concludente derrota do PSD e a conquista de uma maioria parlamentar democrática essencial para uma alternativa de governo e de política à direita cavaquista governante.

A direita governante é consequente em apelar ao voto maioritário em 6 de Outubro. Cavaco quer pelo menos mais quatro anos de poder absoluto para concluir o seu projecto de restauração do capitalismo monopolista de Estado que cada dia e cada hora acelera o passo na descaracterização do Estado democrático saído do 25 de Abril.

Os velhos grupos do passado - os Espíritos Santos, os Mellos & C<sup>o</sup> - reapossam-se rapidamente dos centros de controlo e domínio da economia e das finanças portuguesas, o Governo nas suas paragens da maratona eleitoralista, encontra sempre tempo para reformali-

zar as reprivatizações do Sector Empresarial do Estado em condições cada vez mais favoráveis aos grandes grupos financeiros do passado e aos novos tentáculos do capital financeiro português e estrangeiro, para alargar os cordões à bolsa do tesouro do Estado no reforço das indemnizações aos antigos expropriados pelo processo das nacionalizações e para o custeio de onerosas infra-estruturas em benefício do grande capital privado.

Que o PSD jogue em cheio na «bipolarização» (de um só pólo... o PSD) é compreensível. Já se compreende menos que o PS, um partido democrático, morda o isco deste tipo de alternância política que não corresponde nem às tradições nem à relação actual das forças na democracia portuguesa.

Como se sabe a outra forma de distorcer a democraticidade da expressão da vontade popular é a de impor uma «engenharia» do voto favorável aos que, sob a capa de uma pseudo democracia, pretendem impor a sua hegemonia de classe e o seu domínio absoluto do aparelho do Estado.

Vimos ainda há pouco o governo do PSD insistir na tentativa de impor uma nova lei eleitoral para as autarquias que o Tribunal Constitucional chumbou. Todos temos presente os esforços anti-democráticos para alterar, na sequência da revisão constitucional de 1989, a democraticidade do nosso sistema eleitoral, parcialmente conseguida já com a redução do número de deputados, desfavorecendo os círculos de maior concentração populacional.

Que o PS, pela boca do seu Secretário-Geral, Jorge Sampaio, se afirme de novo paladino da alteração das leis eleitorais, designadamente através da criação de um círculo nacional, redutor do número de deputados a eleger nos círculos eleitorais, afectando drasticamente a proporcionalidade do voto já é algo incompreensível.

Na sua leitura da relação de forças neste período pré-eleitoral, o PCP parte da convicção, fortemente radicada nos factos, da improbabilidade de qualquer partido obter por si só a maioria parlamentar absoluta em 6 de Outubro e ainda mais da impossibilidade de um só partido democrático obter a maioria absoluta nas eleições legislativas de 91.

A necessidade de uma convergência dos partidos democráticos no objectivo comum de derrotar o PSD e a direita, de eleger uma maioria democrática para a Assembleia da República e de pôr à frente do País, com uma base parlamentar concludente, um governo democrático representativo do leque de forças da democracia portuguesa, tem uma fundamentação inatacável do ponto de vista das forças democráticas.

Um entendimento de largos contornos e de longo alcance entre as forças democráticas e a criação de uma dinâmica pré-eleitoral de convergência de-

mocrática para aquele objectivo comum alargaria a capacidade mobilizadora das forças democráticas em sectores indecisos, abriria novas e reais perspectivas de uma alternativa democrática credível ao domínio da direita no poder, criaria condições prévias essenciais para uma viragem democrática na política portuguesa.

A CDU-Coligação Democrática Unitária - que compreende já um notável leque de forças de democracia portuguesa - propõe-se esse objectivo, está encontrando em largas áreas democráticas um positivo acolhimento das suas propostas.

O PCP, força mais representativa da CDU, parte do pressuposto elementar de que o voto nas listas unitárias que com outros democratas integra no plano nacional, é a contribuição mais segura e certa para a derrota da direita cavaquista governante, para uma necessária alternativa de governo e de política ao reinado de quatro anos desastrosos para a democracia portuguesa do PSD e do seu chefe Cavaco Silva.

As previsões políticas positivas do PCP e dos seus aliados na CDU relativamente às eleições de 6 de Outubro assentam numa base objectiva e numa leitura correcta da relação de forças no momento actual.

Classes, camadas e sectores sociais de grande projecção na sociedade portuguesa movimentam-se no momento actual em formas excepcionalmente combativas contra a política do governo. Esta vasta contestação social pode assumir significativa expressão política.

Operários, agricultores, vastos sectores da Função Pública e das profissões liberais, pequenos e médios empresários, em torno de sentidas reivindicações e em formas diversas, lutam pela solução de problemas que a política cavaquista conduziu ao agravamento ou à falta de perspectivas de melhoria das suas condições de vida e de actividade.

Ao contrário do que Cavaco e a sua gente procuram fazer crer, largos sectores da população portuguesa mostram a sua descrença nas promessas do governo e políticos autorizados do «jet-set» internacional - como o insuspeito senhor Delors - manifestam o seu pessimismo quanto às perspectivas a médio prazo da situação portuguesa.

Estes dois meses são decisivos para os resultados da batalha eleitoral de 6 de Outubro. Para os democratas portugueses mais do que os duvidosos resultados de um debate teórico interno sobre a convergência democrática importa fundamentalmente expressá-lo por meio do voto na CDU.

Votar na CDU é indubitavelmente contribuir de maneira efectiva para uma decidida mudança de rumo na política nacional e para a necessária derrota da direita nas eleições legislativas do próximo 6 de Outubro.

## Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX. Tel. 76 97 25/76 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA - Rua de São Bernardo, 14, 2.º, 1200 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47059. NIF - 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: PUBLICIDADE: Rua de S. Bernardo, 14, Lisboa - Telef. (01) 67 01 93/7

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Fax: 3968793; Telex: 65791; Telef. (01) 67 01 93/7

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS - Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição

Sede: Rua do Norte, 115, 1.º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04

Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra - Telef. (039) 71 35 77

Delegação Norte: R. Monte dos Pípos, 326, Guifões, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: R. de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa - Telef. (01) 67 01 93/7

Composto e Impresso na Heika Portuguesa R. Elias Garcia, 27

Venda Nova - 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

## TABELA DE ASSINATURAS

PORTUGAL (CONTINENTE) - 50 números: 4.500\$00; 25 números: 2.325\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS - 50 números: 7.707\$50

ESPAÑA - 50 números: 7.090\$00

MACAU - 50 números: 11.140\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE - 50 números: 12.190\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNISIA E TODO O TERRITÓRIO DA URSS) - 50 números: 13.350\$00

EXTRA-EUROPA - 50 números: 16.450\$00

Nome \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_ Telef. \_\_\_\_\_  
Código Postal \_\_\_\_\_  
Enviar para Editorial «Avante!», acompanhado do cheque ou vale do correio.

# Novos sons para uma campanha diferente

«Carvalhesa», um tema criado pelo povo, viaja até à música clássica, até ao rock, até aos computadores pela mão de músicos portugueses

Versões do tema popular «Carvalhesa» em música clássica, composta por António Vitorino de Almeida, em jazz rock e *big band* de jazz, compostas pelo contra baixista e compositor José Eduardo Conceição e Silva e ainda um tratamento em computador e sintetizador por Guilherme Inês e José da Ponte constituirão a base musical da campanha da CDU.

As novas versões da «Carvalhesa» incluem temas breves (os chamados *jingles*, *bridges* e *cues* necessários às montagens vídeo e audio), mas também versões desenvolvidas que foram gravadas em Portugal e em Barcelona em Junho e Julho passados.

A «Carvalhesa» constitui um tema de música tradicional portuguesa da região de Bragança (Tuiselo-Vinhais). Diversas versões foram recolhidas ao longo dos tempos, nomeadamente pelo investigador alemão Kurt Schindler e por Michel Giacometti, encontrando-se a de cometti, publicada no livro «Cancioneiro Popular Português», de Michel Giacometti.

## A primeira versão em 1985 e 1991

A partir dessa versão, foi gravada em 1985 uma versão no estilo que se convencionou chamar *MPP* (*Música Popular Portuguesa*), e que serviu de tema musical à campanha eleitoral da CDU para as eleições à Assembleia da República realizadas nesse ano.

Dessa gravação foi editado um maxi-single com a etiqueta «Mundo Novo», que se encontra esgotado, e que incluía uma memória descritiva da música e edição.

A capa do disco era constituída por um desenho do pintor Manuel Sampaio, baseado na recolha fotográfica de danças populares portuguesas incluída no livro «Dansas Portuguesas», de Pedro Homem de Mello.

Para a sua campanha eleitoral de 1991, a CDU decidiu promover uma iniciativa em torno da «Carvalhesa» que, simultaneamente, se integrasse no trabalho eleitoral em curso, mas constituísse também um factor de valorização da música e dos músicos portugueses.

No estudo que presidiu à iniciativa partiu-se do reconhecimento da vantagem de aproveitamento da identificação com a CDU conseguida pela versão de 1985 da «Carvalhesa», mas considerando-se igualmente a necessidade de que também o tema e ambientes musicais da campanha reflectissem as mudanças de situação e de estilo inaturalmente impostas por seis anos decorridos.

Duas hipóteses foram assim consideradas: ou manter a identificação através da manutenção do estilo de orquestração e escolher nova melodia com arranjo semelhante, ou manter a melodia da «Carvalhesa» e produzir novo ou novos arranjos em

estilos substancialmente diversos.

Foi por esta hipótese que se optou. Na verdade, oferecia ela à partida hipóteses mais ricas, uma vez que se mantinha e revigorava um trabalho de indiscutível qualidade como é a versão de 1985 e se avançava para uma hipótese de diversificação que corresponde à própria diversidade de gostos e universos musicais que caracterizam a sociedade contemporânea.

## Quatro peças de reportório

Nestas circunstâncias, foram encomendadas e reali-

zaram-se as gravações de quatro novas versões da «Carvalhesa»:

1ª. A peça «Abertura Clássica Sobre um Tema Popular Português», de António Vitorino de Almeida, concluída em 14 de Junho de 1991 e gravada no Angel Studio em Lisboa a 26 de Junho de 1991 por um orquestra de câmara de 22 elementos, pertencentes na sua maioria à Orquestra de Câmara da Fundação Calouste Gulbenkian e com a duração de 10 minutos. O técnico de gravação foi José Manuel Fortes.

2ª. A peça «Variações», de José Eduardo Conceição e

Silva, gravada em 27 e 28 de Junho de 1991 nos Estúdios Gema, em Barcelona, com os músicos Perico Sambeat (sax), Ricky Sabatés (guitarra), Joan Monné (teclados), Marc Miralta (bateria) e Zé Eduardo (contrabaixo) e com a duração de 8 minutos.

3ª. Uma peça igualmente da autoria de José Eduardo Conceição e Silva, para *big band* de jazz gravada em 18 de Julho de 1991, também no Angel Studio, por músicos da Orquestra de Jazz do Hot Clube de Portugal, com a duração de 6 minutos.

3ª. Um tratamento em computador, sintetizadores e *drum machine*, da autoria de José Ponte e Guilherme Inês, essencialmente para utilização vídeo, gravada nos estúdios Namouche durante o mês de Julho e com a duração de minuto e meio.

O resultado do trabalho efectuado pode dizer-se que excedeu as melhores perspectivas! Concluídas as gravações, foi opinião unânime

da mais de meia centena de profissionais - músicos, técnicos de gravação, produtores - que nos encontrávamos perante trabalhos que largamente excedem em qualidade a funcionalidade estrita que esteve na sua origem e antes constituem peças de reportório que valem por si.

José Eduardo Conceição e Silva passou a incluir o arranjo jazz rock realizado no reportório da sua formação José Eduardo Unit, com a qual aliás se apresentará na Festa do «Avante!». As pautas com o arranjo para *big band* foram igualmente fornecidas à Orquestra do Hot Clube que pensa incluí-la igualmente no seu reportório.

## Edição especial em disco

Tendo em conta esta qualidade e interesse cultural deste conjunto de cinco trabalhos sobre um tema de música popular desenvolvida em estilos completamente diversos por compositores portugueses, a etiqueta «Mundo Novo» vai proceder a uma edição discográfica limitada com as seguintes características:

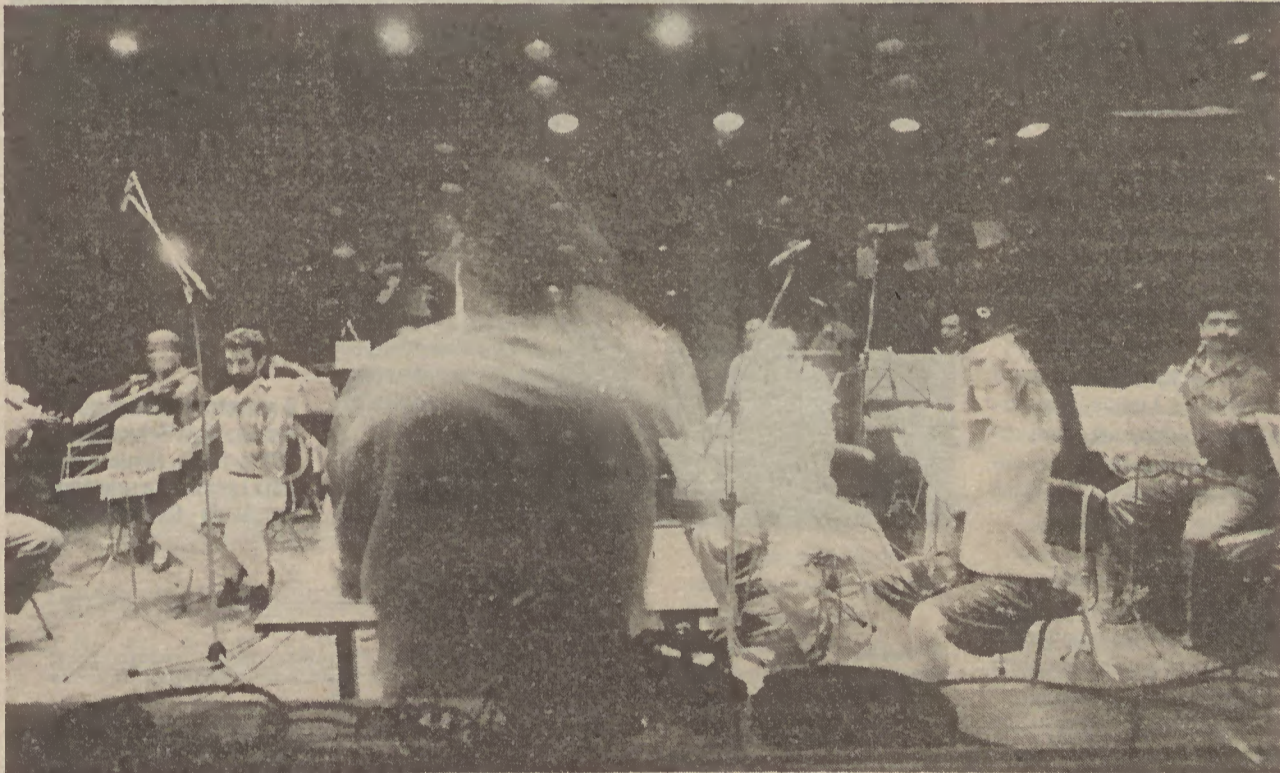
1. edição constituída por um disco compacto acondicionado num *coffret*; tiragem limitada a 100 exemplares numerados de 001 a 100 destinados a venda, mais 25 exemplares extranumerados de I a XXV destinados exclusivamente aos compositores, autores e produtores.

### 2. O disco inclui:

- versão original da «Carvalhesa» recolhida por Michel Giacometti. Trata-se da única versão tradicional registada em suporte magnético, embora (como se explica na literatura anexa ao disco) o



Durante a gravação da «Abertura clássica sobre um tema popular português»



# As origens da «Carvalhesa»

A escolha da melodia «Carvalhesa» para tema musical da campanha eleitoral da CDU em 1985 baseou-se na versão incluída no livro «Cancioneiro Popular Português», de Michel Giacometti.

Como se explicava no texto que acompanhava o maxi-single editado naquele ano com o arranjo então feito, sucedia contudo um fenómeno curioso quanto às origens e recolha do tema.



próprio Giacometti tenha optado para publicação em livro pela versão recolhida graficamente por Kurt Schindler, sendo esta que esteve na base dos arranjos posteriores;

- arranjo gravado em 1985;

- «Abertura Clássica Sobre um Tema Popular Português», de António Vitorino de Almeida;

- «Variações sobre a Carvalhesa», de José Eduardo Conceição e Silva;

- Versão *big band* da «Carvalhesa», de José Eduardo Conceição e Silva;

- Versão da «Carvalhesa», de José da Ponte e Guilherme Inês;

- Das diversas versões da «Carvalhesa» foram feitos excertos, *jingles* e *bridges* em gravação directa visando a utilização do tema em montagens vídeo e áudio. Dado o carácter documental da edição, essas versões são incluídas no CD, ilustrando o trabalho funcional com vista a utilização audiovisual sobre criações musicais.

- O disco inclui ainda uma execução singela em piano por Bernardo Sasseti do tema da «Carvalhesa» tal como recolhido por Kurt Schindler e reproduzida por Michel Giacometti, única versão simples do tema existente em suporte magnético e registada durante as presentes sessões de gravação.

- O encarte frontal da caixa do CD é constituído por uma serigrafia da autoria de Manuel Sampaio.

3. O *coffret* será constituído por uma caixa comercial AMBAR formato *almago*, em cartão prensado preto, com elásticos vermelhos especiais. Na frente da caixa, sobre impressão serigráfica de uma base, numeração de cada exemplar (de 001 a 100) em algarismos desenhados e assinados manualmente em cada exemplar por Teresa Dias Coelho.

Além do CD, acondicionado numa placa de cartão canelado com moldura, o *coffret* incluirá:

- 1 exemplar de uma serigrafia de Manuel Sampaio, numerada e assinada com o primeiro estudo para a capa da primeira edição da «Carvalhesa» em maxi-single;

- 1 exemplar de uma serigrafia de Manuel Sampaio, numerada e assinada com o motivo da capa do CD da presente edição;

- 1 exemplar de texto especialmente escrito para esta edição pelo escritor Mário de Carvalho (que assistiu e participou nas gravações das versões de António Vitorino de Almeida e José Eduardo

Conceição e Silva), impresso em serigrafia a 2 cores numerado e assinado pelo autor;

- 1 exemplar impresso em serigrafia a 2 cores reproduzindo a folha de rosto, as primeiras, segunda e última pautas do original da «Abertura Clássica Sobre um Tema Popular Português», de António Vitorino de Almeida, numerado e assinado pelo autor;

- 1 exemplar impresso em serigrafia de fotografia de Michel Giacometti durante os trabalhos de recolha da versão original da «Carvalhesa» reproduzida no disco e oferecida pelo próprio M. Giacometti para inclusão na edição de 1985 do maxi-single;

- 1 exemplar impresso em serigrafia a 2 cores numerado e assinado pelo autor contendo um texto de José Eduardo Conceição e Silva sobre a sua versão *fusion*;

- 1 exemplar impresso em serigrafia a 2 cores, numerado e assinado pelo autor contendo um texto de José Eduardo Conceição e Silva sobre a sua versão *big band*;

- 1 exemplar impresso em serigrafia a 2 cores contendo o texto de Ruben de Carvalho que acompanhou a edição discográfica de 1985;

- 1 exemplar impresso em serigrafia a 2 cores, numerado mecanicamente, com todas as indicações históricas, pessoais e técnicos relativas à «Carvalhesa» e às gravações efectuadas;

- 1 exemplar impresso em serigrafia a 2 cores, numerado mecanicamente, com reprodução da pauta da versão da «Carvalhesa» de Kurt Schindler

## Edição em cassette

Além da edição em CD, a CDU promoverá igualmente a edição dos novos registos da «Carvalhesa» em cassette.

Tratar-se-á contudo de uma cassette com características especiais, uma vez que incluirá um texto sobre todo o projecto, apresentado por Cândido Mota.

O texto e sua ilustração musical desenvolverá o tema do tratamento de música popular seja pela música erudita, seja por outras áreas de criação musical, com uma referência especial ao trabalho nesta área de Fernando Lopes-Graça.

A primeira audição pública integral dos novos arranjos da «Carvalhesa» realizar-se-á numa sessão no Terraço do Vitória na próxima segunda-feira em que participará Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP e cabeça-de-lista por Lisboa.



Michel Giacometti quando recolhia uma das versões da «Carvalhesa» em Tuiselo (Vinhais), em 1970



O maestro e etnógrafo alemão Kurt Schindler (1882-1935), responsável pela recolha da primeira versão da «Carvalhesa»

## 166. CARVALHESA

K. Schindler  
Tuiselo/Vinhais, Bragança  
1932

**Allegro con brio**  
Flauta 8.ª sup

Ferrinhos  
Ferranhóias  
Pandeiro

Pauta com a recolha de Kurt Schindler e que serviu de base a todas as versões orquestrais da «Carvalhesa»

Ocorria um fenómeno insólito: uma «Carvalhesa» estava já registada em disco nos Arquivos Sonoros Portugueses onde tomaram forma de acetato alguns dos milhares de temas originais recolhidos por Michel Giacometti nas suas peregrinações etnográficas. Mas esta «Carvalhesa» gravada em disco (e que constitui o lado B deste maxi-single) não correspondia à melodia estampada no livro e que servira de base ao novo arranjo.

Na verdade, à cabeça da página 217 no «Cancioneiro» era outro o nome que aparecia como autor daquela recolha: K. Schindler, informa a legenda, recolhera esta versão da «Carvalhesa» em 1932 em Tuiselo, concelho de Vinhais, distrito de Bragança. O próprio «Cancioneiro» adianta alguns elementos — mas o resto da narrativa veio do próprio Michel Giacometti. E é assim.

Lá pelos anos 20 deste século, um destacado homem da música alemã — maestro, compositor, professor — emigrou para os Estados Unidos. Chamava-se Kurt Schindler e fixou-se em Nova York onde deu determinante contributo ao ensino e desenvolvimento musicais. Nos anos 30, saturado dos espartilhos comerciais e económicos que balizavam o seu trabalho, pôs a batuta de maestro e as compensadoras solicitações dos «business» musicais, equipou-se com um bem primitivo gravador e desandou em busca de património musical popular em... Espanha! Calcorreou aldeias e caminhos das Astúrias e de Navarra, ouviu, gravou, escreveu com o entusiasmo e persistência exigidos por quem o fez vai lá mais de meio século. Nas suas deambulações, acabou entrando em Portugal pela raia transmontana onde prosseguiu a busca.

Infelizmente, dias depois da sua chegada, o gravador de discos de alumínio avariou-se e Schindler realizou o resto do seu trabalho de papel e lápis na mão.

Regressado aos EUA, viria a falecer em 1935. Posteriormente, a Columbia University editou o resultado das suas investigações num livro: «Folk Music and Poetry from Spain and Portugal» («Música e Poesia Populares de Espanha e Portugal»).

Em 1958, um etnólogo natural de Ajaccio, na Córsega, que acabara de dirigir uma missão internacional de estudos do folclore das

# O autor fala da...

# ... nova versão jazz-rock...

Tratava-se de dar uma cara nova ao tema através de um arranjo de tipo «Jazz Rock» ou «Fusion».

Em primeiro lugar a melodia revelou-se bastante irreverente no aspecto rítmico pois não me deixava espaço para nenhuma solução Jazz-Rockiana. Um ritmo binário fortemente apoiado nos tempos fortes, ausência de síncopas, etc. Decidi então usar o bistori, e respeitando escrupulosamente a sequência das notas, enxertei maiores durações e algum deslocamento rítmico de forma a provocar síncopas.

«inteligência» do Perico na sua intervenção a solo, a «garra» do Ricky na guitarra e o apoio supereficaz do Marc na bateria e o Joan no piano e teclados.

O que podeis ouvir é o primeiro «take» da sessão o que comprova o ditado de que «não há amor como o primeiro» como sabiamente disse o Manel Jorge de dentro da cabina de som, evitando assim que nos propuséssemos a passar o dia a tentar superar o que já estava irremediavelmente feito...

Zé Eduardo



**José Eduardo Conceição e Silva.** Depois da fundação da escola de jazz do Hot Clube de Portugal, a fixação em Barcelona no Taller de Musicas e a consagração internacional do seu trabalho de contrabaixista e compositor

A melodia então transformou-se numa sequência de frases de 8 compassos com a forma AABA e uma maior disposição para deixar-se levar pelo que viria depois...

O problema seguinte era a harmonia original, praticamente inexistente ainda que solidamente apoiada na tónica e na dominante.

Qualquer solução respeitando esta progressão harmónica soava-me bastante incoerente com o estilo pretendido. Tinha a certeza de que a harmonia deveria utilizar uma fórmula que não se pautasse pelas cadências tonais e os acordes deveriam ter por si sós uma cor própria. Este estilo é a moeda corrente nos meios Jazz-Rockeiros desde que Miles há 20 anos o começou a utilizar.

Depois de várias horas de maior ou menor inspiração começou a aflorar um esboço harmónico com uma certa coerência.

A solução finalmente utilizada é uma sequência de acordes modais (provenientes de escalas modais) que harmonizam a melodia fazendo-a colorir-se de forma diferente segundo o grau de tensão que forma com a harmonia.

Não vou entrar em maiores detalhes técnicos pois isto corre o risco de se transformar numa chatice. Somente gostaria de assinalar o carácter pseudotonal das partes «A» (os acordes dos compassos ímpares parecem «resolver» nos acordes dos compassos pares), e o carácter modal da parte «B» onde cada acorde

«impressionisticamente» tem uma cor diferente. Foi realmente fácil gravar esta versão com a ajuda de alguns dos melhores músicos espanhóis da última geração. A

# ... e da nova versão big band

Transformar uma ingénua melodia popular num tema de Jazz para ser interpretado por uma Big Band sem a dita melodia perder a dignidade nem o orquestrador perder o trabalho foi algo que me assustou bastante ao princípio...

Não obstante fiquei curioso para ver os resultados... É relativamente fácil cantar qualquer melodia dando-lhe um «ar» swingado. Temos exemplos mais ou menos conseguidos na música comercial de sempre. É difícil fazê-las soar e mais difícil com gosto.

A melodia foi redesenhada com a devida inclusão de síncopas e adornos «jazzísticos» para poder enquadrar-se no estilo. Foi-lhe dada a forma AABA, com uma progressão harmónica tipo «standard» com o inevitável passeio pelos graus diatónicos da tonalidade e algum cromático «obrigatório» tudo dentro da tradição.

O tema principal é exposto pelos saxofones em uníssono e pelos trombones na parte «B». O último «A» é um *ensemble* em *Close-Position* como mandam os livros.

A primeira surpresa vem antes do solo de sax alto (Pedro Moreira) com um «Ensemble» e uma mudança de tonalidade, agora estamos numa autêntica «Jazz Key».

Foi inevitável a inclusão de um *Soli* do naipe de Saxofones.

É um dos momentos sempre excitantes de um arranjo de Big Band. 4 saxofones seguindo o primeiro alto com uma sinuosa melodia harmonizada.

O solo de piano é o contraste obrigatório entre o universo tímbrico dos sopros e a secção rítmica. Por fim chega a altura do duelo entre a Banda e a Bateria.

Na melhor tradição de Big Bands a bateria é o coração e o motor da orquestra. Com um bom bateria e um bom primeiro trompete já está meia orquestra feita.

Os «chasing» entre a Banda e a Bateria são o pretexto para reexpor o tema fragmentado e voltar a mudar de tonalidade para conseguir um maior brilho orquestral no *Ensemble* final.

Por fim acabamos em *Fá* Maior (uma sexta acima do começo) com toda a Banda no «Shouting Chorus» intercalando com os solos da Bateria (André S. Machado).

Um arranjo de Big Band dá muito «gozo» a fazer e mais ainda a montar e a fazê-lo soar como tem que ser. Foi um prazer poder tê-lo feito com a «malta» da Orquestra do Hot. Espero que gostem.

Zé Eduardo

O gaiteiro e tocador de ferrinhos de Tuiselo durante a gravação da versão da «Carvalhesa» do lado B

ilhas do Mediterrâneo, descobre o livro de Schindler nas prateleiras do Museu do Homem, em Paris. Meses depois, sobraçando o primeiro gravador «Nagra» (de manivela!) a entrar em Portugal, Michel Giacometti segue as pisadas de Schindler no Nordeste transmontano.

A memória do investigador americano vivia ainda nas aldeias de Bragança e Chaves. O tecnológico microfone de Giacometti era comparado pelos músicos populares com a recordada fascinação que sobre eles exercera aquele estrangeiro que escrevia notas num papel enquanto os escutava para depois, quase misteriosamente, repetir exactamente o que haviam cantado lendo os sinais com que preencheram as cinco linhas do pentagrama!

Ao elaborar o «Cancioneiro Popular Português», em 1981, Giacometti discutia com o companheiro de sempre Fernando Lopes-Graça o critério a utilizar na selecção. E optaram por nela incluir não apenas as récolhas efectuadas por eles, mas uma selecção geral de quantos contribuíram para a fixação das melodias criadas pelo povo. Ali se encontram até contributos de homens cujo interesse pela música popular não era acompanhada por uma visão do mundo de acordo com o povo: como o caso do desconfiado cidadão que, nos anos 60, informou a Pide de que pelas suas terras andava pregando a subversão um francês que recolhia canções e tradições...

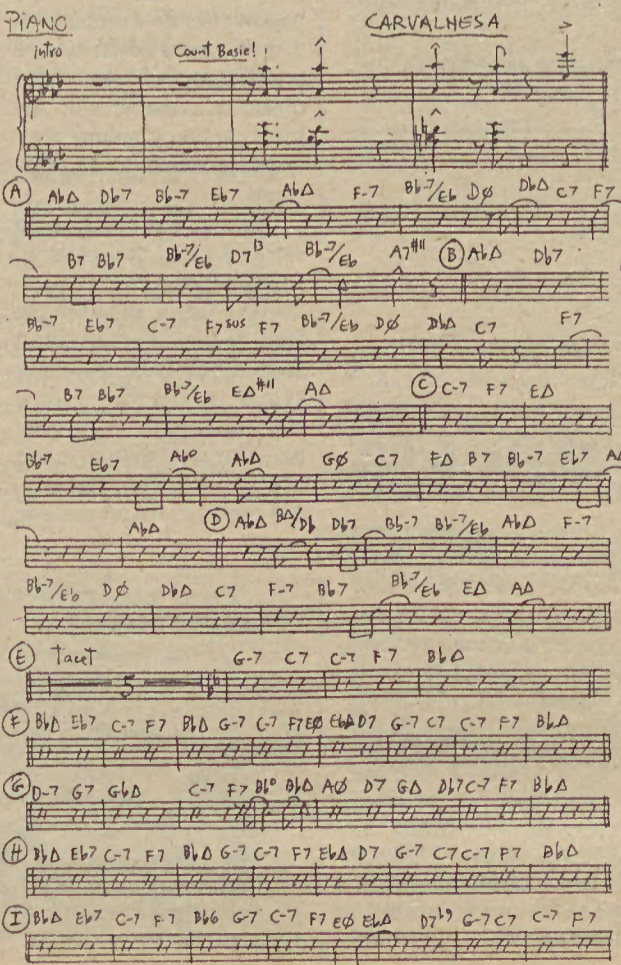
Face à «Carvalhesa», entendeu Giacometti que a versão recolhida por Schindler era mais valiosa que a recolhida por ele próprio. Porque a «Carvalhesa» é essencialmente uma dança que pode bailar-se ao som de várias melodias. Diz a nota do «Cancioneiro», «a Carvalhesa, dança de quatro laços, era com a Murinheira e o Passeado o baile preferido da região. O instrumento tradicional a acompanhar estas danças era a gaita de foles».

Ruben do Carvalho



Última página da pauta da composição de António Vitorino de Almeida

A parte de piano do arranjo da «Carvalhesa» para big band de José Eduardo Conceição e Silva



# Concluída divulgação integral das listas de candidatos da CDU

Com os nomes que divulgamos nesta página, concluímos a publicação integral das listas de candidatos da Coligação Democrática Unitária PCP-PEV. Depois das primeiras novidades sobre cabeças-de-lista em vários distritos, que surgiram no «Avante!» a partir do número de 24 de Abril, foram publicadas desde 20 de Junho as listas completas dos 22 círculos eleitorais do continente, regiões autónomas e emigração.

## Bragança

**Manuel João Araújo** - 39 anos, funcionário administrativo da CM de Alfândega da Fé. Natural e residente em Alfândega da Fé. Membro da Direcção da Organização Regional de Bragança (DORBA) do PCP. Membro da Direcção Nacional e presidente da Mesa da Assembleia Regional do Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local.

**Serafim Brás da Silva** - 37 anos, operário agrícola. Natural de Freixo de Espada-à-Cinta e residente em Bragança. Membro da Comissão Executiva Nacional do CC e responsável da DORBA do PCP. Membro da Direcção da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Mirandelenses.

**João Baptista de Sousa Araújo** - 39 anos, músico do agrupamento «Tribo Nordeste». Natural de Pinhal do Norte, Carraceda de Ansiães. Foi candidato do PS à CM de Mirandela nas últimas eleições autárquicas. É candidato independente, indicado pelo PEV.

**Nuno Augusto Barreira** - 41 anos, operário na CM de Bragança. É membro da concelhia de Bragança do PCP e o representante eleito do sector operário na Comissão Paritária da Câmara. Foi dirigente nacional do STAL e membro da Comissão Representativa de Trabalhadores da CM de Bragança.

**Rui Manuel Correia Tadeu** - 35 anos, professor do ensino preparatório. Natural do Porto e residente em Vila Flor. Membro da DORBA do PCP. Membro da Direcção Distrital do Sindicato dos Professores do Norte. Presidente da Junta de Freguesia de Vilas Boas e da Cooperativa Agrícola de Vila Flor.

**Eugénio José Martins Cavalheiro** - 55 anos, capitão de fragata (na reserva) e empresário agrícola. Natural de Lisboa e residente na Quinta do Campo, Pocinho, Moncorvo. Participou activamente no 25 de Abril. É membro da Direcção do Conselho Português Para a Paz e Cooperação. Independente.

**José Albino Prudêncio** - 38 anos, técnico de contas. Natural de Mirandela e residente em Vila Flor. Membro da DORBA do PCP. Membro da AM de Vila Flor. Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária de Vila Flor.

**David Martins Garrido** - 42 anos, técnico de telefones na Telecom. Natural do Porto e residente em Mirandela. Membro da DORBA do PCP. Membro da AM de Mirandela desde 1982. Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Mirandelenses. Foi dirigente nacional do SNTCT e coordenador da União dos Sindicatos de Bragança.

## A Unidade é festa em São Pedro da Cova

Cerca de mil pessoas juntaram-se na noite do passado sábado no pinhal junto ao Campo da Mó para ouvir fados e guitarradas, ver um vídeo gigante e saborear os petiscos no restaurante montado para a Festa da Unidade, promovida pelos comunistas de S. Pedro da Cova e que já entrou nos usos da vila.

A festa prolongou-se durante a tarde de domingo, com muitas pessoas espalhadas em mantas pelo pinhal, a assistirem à intervenção do grupo de dança rítmica e aeróbica «Roda Viva», da colectividade «Vai Avante».

Enquanto no palco dançava o **Rancho Folclórico do Ramalho**, aproveitámos para conversar com um jovem par de namorados. O José Rodrigues tem 20 anos, trabalha na construção civil e ganha 56 contos. A Cidália tem 17 anos, é operária numa fábrica de malhas em Ermesinde e ganha 40 contos.

Trabalhar, ganhar mais, ter mais facilidades na vida — «sabe que até para pôr dinheiro no banco, para juntar algum, é preciso ter 50 contos?» —, poder ter férias, são as aspirações expressas destes jovens.

A meio da tarde realizou-

## Madeira

**Leonel Martinho Gomes Nunes** - 41 anos, recepcionista. Coordenador do Sindicato de Hotelaria da RAM; membro do secretariado da USAM do CN da CGTP-IN. Coordenador da Direcção da Organização da Região Autónoma da Madeira do PCP.

**Carlos Alberto Silva Abrantes** - 35 anos, médico. Membro da AF do Cural das Freiras. Membro do PEV.

**Diamantino António dos Santos Alturas** - 50 anos, carpinteiro. Presidente do Sindicato da Construção Civil da RAM. Membro do Executivo da DORAM do PCP.

**Rui Firmino Faria Nepumoceno** - 55 anos, advogado. Membro do Conselho Regional da Ordem dos Advogados. Membro do Executivo da DORAM do PCP.

**José Manuel da Mata Vieira Coelho** - 39 anos, pintor da construção civil. Membro da DORAM do PCP.

**Octávio Garanito Gonçalves** - 23 anos, escriturário. Membro da Comissão Política da JCP/Madeira e da Direcção Regional da JCP.

**Maria Salette da Silva de Freitas Pereira** - 35 anos, bordadeira. Membro do Conselho Fiscal do Sindicato dos Bordados da RAM.

**Carlos Saldanha de Viveiros** - 40 anos, membro do Organismo de Direcção da Zona Leste do PCP.

**José Amândio Gonçalves de Azevedo** - 39 anos, motorista. Foi membro da Direcção do Sindicato dos Transportes Rodoviários da RAM.

**João Mário Antunes Palla Lizardo** - 41 anos, advogado. Membro do Executivo da DORAM do PCP.

## Açores

**Mário Abrantes da Silva** - 41 anos, engenheiro silvicultor. Membro da Direcção da Organização da Região Autónoma dos Açores do PCP.

**Luís Carlos Decq Mota** - 43 anos, médico. Membro da DORAA do PCP.

**Paulo Bacelar Macedo** - 30 anos, engenheiro agrónomo. Dirigente do Sindicato dos Professores dos Açores. Membro da DORAA do PCP.

**Vítor Nóbrega Gomes** - 42 anos, técnico de frio. Membro da Comissão da Ilha das Flores do PCP.

**Francisco Borges Coutinho M. Dias** - 36 anos, técnico de máquinas. Independente.

**Hélio Adalino Dutra** - 31 anos, empregado do comércio. Membro da Comissão da Ilha do Pico do PCP.

-se o **comício**. Depois de Pimenta Dias, vereador da CDU na Câmara de Gondomar, se ter debruçado sobre questões concretas que o Governo não resolveu — habitação, transportes, infra-estruturas de saneamento básico — e de ter referido que «o Governo apressa a inauguração de estradas, mas atrasou, por exemplo, a inauguração da nova Escola Secundária de Rio Tinto que tinha prometido», falou José António (Chalana), estudante do ensino superior e, como Pimenta Dias, candidato, pelo Porto, às próximas eleições. Vítor Ranita, da

Comissão Executiva da DORP do PCP e da Comissão Nacional da CGTP-IN, candidato da CDU pelo círculo do Porto e último orador do comício da Festa da Unidade, lembrou as «gloriosas tradições operárias» de S. Pedro da Cova, caracterizou as consequências da política do actual Governo, para falar da necessidade de, «em 6 de Outubro», criar condições para a alternativa democrática.

Quanto nos retirámos da festa, já a tarde terminava, ficava o grupo «Ecos da Terra», a possibilitar aos presentes o «pezinho de dança».

**José Eduardo Amaral de Sousa** - 22 anos, estudante. Dirigente da JCP em S. Miguel.

**Ilda Maria Gomes Leite** - 30 anos, fisioterapeuta. Membro do Secretariado da União dos Sindicatos da Horta. Independente.

**José Henrique Correia** - 41 anos, funcionário público. Dirigente do Sindicato da Função Pública em Angra do Heroísmo. Membro da DORAA do PCP.

**Fernando José da Silva Nogueira Nunes** - 43 anos, técnico auxiliar especialista da Função Pública. Membro da Comissão da Ilha de S. Miguel do PCP.

## Europa

**António Barbosa Topa** - 43 anos, professor e tradutor. Emigrante em França. Membro do Conselho de Administração da *Mutuelle du Portugal*. Independente.

**António Silva Augusto** - 43 anos, operário metalúrgico. Membro da Comissão para o Trabalho entre a Emigração do PCP.

**Jaime Fernandes Alves** - 33 anos, comerciante. Emigrante em França. Dirigente associativo. Membro do PCP.

**Manuel Luís Moreira Alho** - 41 anos, operário metalúrgico. Emigrante na Suíça. Delegado sindical. Membro do PCP.

## Fora da Europa

**Alexandre Antunes Pereira** - 63 anos, livreiro. Natural de A-da-Beja, Amadora, residente no Brasil. Membro da Directoria do Centro Cultural em S. Paulo. Membro do PCP.

**José Carlos Rocha de Brito** - 44 anos, consultor. Cooperante em Angola.

**Manuel Sequeira Rodrigues** - 38 anos, empresário. Emigrante no Canadá. Membro do PCP.

**Lídio Ramos Vale** - 51 anos, operário. Emigrante na Austrália. Membro do PCP.

## Festa com mar ao lado

Ponto de encontro obrigatório no mês de Agosto, a *Festa do Sol e do Mar*, na Costa da Caparica, é já uma tradição com sete anos de história que todos os anos se renova com muitos e novos amigos e camaradas. Foi no passado fim-de-semana (dias 2, 3 e 4) que a Festa, «com a praia mesmo ao lado» como dizem os camaradas de Almada, voltou a animar residentes e visitantes da outra banda.

Este ano, a organização esteve a cargo da Comissão Concelhia de Almada a quem coube a tarefa, nem sempre fácil, de aliar a política com o recreio, o divertimento com a cultura, o convívio com o esclarecimento. A avaliar pela larga assistência ao comício de encerramento, que contou com a presença do

camarada Francisco Lopes, do secretariado do CC do PCP, foi levada a bom porto.

E o mesmo se pode dizer das experiências gastronómicas, da caldeirada ao arroz de marisco; das iniciativas desportivas, desde o campeonato de chinquillo ao de tiro ao alvo, tão do agrado das muitas colectividades da zona; do artesanato; da exposição política com as novidades para a Festa do Avante! que se avizinha, as propostas da CDU para as eleições quase à porta e a mostra do trabalho dos eleitos CDU nas autarquias do concelho; e, como não podia deixar de ser, da música para todos os gostos, desde os cantares alentejanos ao rock, passando pelo fado e pelos sons africanos.

Deixou saudades. Mas para o ano há mais.



## TRABALHADORES

# Sindicato considera «crime social» despedimento na Seagate

O Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas (SIESI), com sede em Lisboa, considera um «crime social» mandar para o desemprego 800 trabalhadores, como pretende fazer a administração da Seagate Technology Inc., empresa que tenciona encerrar as suas instalações em Melgaços, Palmela.

A direcção do SIESI, que foi proibida ilegalmente em

31 de Julho de efectuar um planário dentro da empresa, solicitou a intervenção da Inspeção-Geral do Trabalho, que levantou um auto sobre a ocorrência.

O SIESI pedia entretanto audiências ao Primeiro-Ministro, ao Presidente da República, ministro da Indústria, grupos parlamentares, governador civil de

Setúbal e Câmara Municipal de Palmela.

Pretende o Sindicato expor a essas entidades os «graves problemas dos trabalhadores da Seagate e reclamar a intervenção dessas mesmas entidades no sentido da anulação» do despedimento.

«O SIESI considera (nota à imprensa de 2 do corrente) que se está perante uma estra-

tégia de sabotagem e de pura falta de vontade dos gestores da empresa em se interessarem pela sua viabilização».

A empresa fabrica cabeças magnéticas para computador.

Trata-se de uma unidade rentável, que está a transferir encomendas (há indícios disso, segundo o SIESI) para «fábricas congéneres na Malásia e na Tailândia».

## Endurece a luta na Tabopan

Depois de uma semana de greve iniciada em 29 de Julho, os trabalhadores do grupo Tabopan cortaram a estrada Porto-Vila Real. A empresa (indústria de aglomerados e mobiliário) tem cinco meses de salários em atraso.

O grupo emprega cerca de 400 trabalhadores. O pessoal da Tabopan Laminados e Tabopan Europa solidarizou-se com a luta entrando por sua vez em greve.

A gestão do grupo prome-

tera o pagamento de parte dos salários em 26 de Julho o que não aconteceu.

Num comentário alusivo ao conflito, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Construção, Madeiras, Mármore e Pedreira do Distrito do Porto refere que «para estes trabalhadores os discursos governamentais do tão propalado crescimento económico serve apenas para concluírem que, pelos vistos, tal crescimento não chega para lhes pagarem os salários».

# Guardas florestais com promessas

O grupo de trabalho dos guardas florestais, que funciona junto da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, revelou recentemente que o Ministério da Agricultura se dispôs «a estudar algumas das reivindicações apresentadas» no caderno reivindicativo daque-

les trabalhadores.

O grupo de trabalho encontrou-se com o secretário-geral do Ministério (MAPA) e com o director-geral das Florestas em 26 de Julho findo.

O prometido estudo deverá estar concluído em fins de Agosto, para se poderem

iniciar novas negociações no princípio de Setembro.

Os guardas florestais manifestam a esperança de que «a reunião do princípio de Setembro responda objectivamente às reivindicações apresentadas». Se assim não for, «dispõem-se a encetar formas de luta».

Entre elas, concentrações em frente ao Ministério e à Secretaria de Estado do Orçamento.

Em 30 de Julho, o grupo de trabalho não afastava, numa nota à comunicação social, a hipótese de responder com a greve a uma posição do Governo que não corresponda às expectativas

criadas pela reunião de 26 de Julho.

Em causa está principalmente a revalorização das carreiras. A duração do horário de trabalho, aposentamento, alojamento e fardamento, formação profissional e condições de trabalho constam também do caderno reivindicativo dos guardas florestais.

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) continuava, por seu turno, a desenvolver intensa actividade.

Por sua iniciativa tem estado em debate o novo sistema retributivo (NSR) da Função Pública.

A direcção nacional, ao destacar a semana passada as decisões tomadas no seu último conselho geral extraordinário, sublinhava a marcação de dois dias de greve em Setembro e a «realização de uma grande acção de sensibilização da opinião pública na inauguração da ponte internacional sobre o Guadiana» em 15 de Agosto.

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores acusava entretanto o secretário de Estado do Ambiente de «violiar a Lei» ao mandar recolher água do mar para amostras em praias do Algarve, quando os técnicos que normalmente

procedem a essas recolhas se encontram em greve desde 6 de Maio.

Avançavam entretanto para a greve por tempo indeterminado os trabalhadores do RNPC (Registo Nacional de Pessoas Colectivas).

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores atribui a responsabilidade por esta forma de luta ao Governo (Secretaria de Estado do Orçamento) que não cumpriu «acordos anteriormente assumidos», afirmou.

## VÁRIA

**Operadores da RTP anunciam nova greve.** Operadores e assistentes de imagem da televisão, embora sem data marcada, anunciaram recentemente, através do Sindicato dos Jornalistas, uma nova greve para a primeira quinzena deste mês. Em causa estão condições de trabalho fundamentais. O Procurador da República pronunciava-se entretanto sobre a greve anterior. No entender de Mário Raposo, a concentração de empresas para substituir os grevistas na última paralisação de trabalho, tal como foi revelada pelo SJ, «teve como consequência», em termos práticos, a «neutralização desta forma de luta». A questão, segundo o Provedor, é âmbito da Inspeção-Geral do Trabalho.

**Polícias descontentes.** Fonte sindical garantiu à Agência Lusa que os polícias estão cada vez mais descontentes com o atraso nos pagamentos dos serviços prestados em recintos desportivos e podem recusar-se a fazê-los. Num serviço de 25 de Julho, aquela agência acrescentava que os atrasos se verificam desde Janeiro.

**Trabalho infantil: Portugal denunciado na ONU.** A ASI (Anti-Slavery Internacional), uma organização com sede em Londres, denuncia na ONU a exploração do trabalho infantil em Portugal. A par de outras denúncias sobre variados países, a ASI afirma, segundo a Lusa, que as investigações levadas a cabo em Portugal confirmam, durante Abril e Maio deste ano, que a exploração do trabalho infantil está espalhada por todo o País. O relatório da ASI foi elaborado a convite do Governo português. O número de crianças nessa situação não é conhecido. Mas, de acordo com a OIT (Organização Internacional do Trabalho), trabalhavam em Portugal 63 mil crianças, em 1987. As idades variavam entre os 10 e os 14 anos. Entre os 15 e os 19 anos, o total era de 165 mil.

**Protestos na AEP contra despedimento colectivo.** O despedimento de 465 trabalhadores na Automática Eléctrica Portuguesa tem sido objecto de várias formas de protesto da parte das organizações sindicais e de empresas. Recentemente, os subscritores de uma carta ao Primeiro-Ministro chamavam-lhe «demagogo». Rocha de Matos, presidente da Associação Industrial Portuguesa e principal responsável pela Centrel, a que pertence a AEP, recebeu também uma carta de protesto. Além de outras formas de luta contra o despedimento, os trabalhadores concentraram-se recentemente em frente à Feira Industrial de Lisboa junto a algumas centenas de pares de sapatos. Rocha de Matos terá afirmado em 1980 aos trabalhadores que tudo faria para viabilizar a AEP, «nem que tivesse de fazer sapatos».



## Mantêm-se sob ameaça 5000 empregos na CP

Há anos que os motivos são os mesmos, com os resultados da foto de 3.2.89. No centro das reivindicações na CP (20 mil trabalhadores) continua a negociação de regulamento de carreiras profissionais. A intransigência do Governo e dos conselhos de gerência têm obrigado à convocação de greves sucessivas ao longo dos anos. Ultimamente, um visível reforço da unidade, nas duas últimas greves, paralisou praticamente a totalidade da empresa. Perante a greve de 24 horas de 2 do corrente, os «alternativos» anunciados foram um mero pró-forma. Recorde-se que os «serviços mínimos» deveriam corresponder apenas a 50 por cento da oferta ferroviária e somente entre as 7 e as 10 horas da manhã. Os restantes a 25 por cento entre as 17 e as 20 horas. Além da reivindicação já citada, os trabalhadores ferroviários lutam ainda pela redução do horário de trabalho para as 40 horas semanais e pela redução da idade da reforma. Mantêm-se entretanto sob ameaça 5000 postos de trabalho na CP

## Gás Perigo em suspenso

Prosegue até 11 do corrente a greve na Petroquímica e Gás de Lisboa. A adesão mantém-se a níveis superiores a 90 por cento. Os sindicatos do sector depois de enumerarem ilegalidades da administração, advertem para o «perigo» em que se encontra a «segurança das instalações» e a própria «população de Lisboa».

As ilegalidades perante a greve têm a ver com o recurso a trabalhadores «com menos preparação técnica» e formas de coacção. Estas últimas manifestam-se junto do pessoal «no sentido de permanecer nos postos de trabalho durante longos períodos e sem qualquer interrupção, pelo que neste momento (26.7) já se verificaram casos de trabalhadores que permaneceram em laboração durante 28 horas consecutivas de trabalho sem descanso». Diminui ao mesmo tempo «o número de piquetes de detecção e reparação de fugas de gás na rede de Lisboa», alertava a Federação sindical (FSTIQF) em 26 de Julho findo, depois de cumprido o quarto período de greve.

# Saídas para o têxtil continuam por abrir

Situações alarmantes reveladas no Porto em relação a todo o País

Diversas organizações ligadas à indústria têxtil, depois de analisarem a situação no sector, pediram audiências a vários órgãos do poder e reclamaram a convocação urgente da secção da agricultura, comércio e indústria do CPCS - Conselho Permanente da Concentração Social.

Foi sublinhado que se agrava a situação económica e social no sector Têxtil e que é urgente tomar medidas para a solucionar.

Em 1 do corrente reuniram-se para efeito no Porto a FESETE (Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal) e a CGTP-IN.

Como convidada assistiu à reunião a CODDAVE, uma comissão constituída para tratar das questões do Vale do Ave.

De acordo com as conclusões da reunião do Porto, o estado de crise em várias regiões do País «pode levar ao colapso da actual cadeia têxtil portuguesa».

Segundo o que os organizadores da reunião designam por «Observatório Sindical», foram analisadas 155 empresas. Noventa ficam no Vale do Ave, 15 no grande Porto, 6 em Coimbra, 7 no Sul e «37 no sector dos lanifícios».

O total dos trabalhadores abrangidos é de 41 200.

Depois de referidas as condicionantes externas, em especial as negociações do GATT, AMF (Acordo Multi-

fibras) e Mercado Único Europeu, a situação nas empresas foi caracterizada pelas seguintes situações:

- Graves erros de gestão, falta de capacidade empresarial e paralisação no tempo;

- Descapitalização e desvios dos resultados para fins alheios às próprias empresas;

- Estrangulamento financeiro face às elevadas taxas de juro, com a consequente transferência para o sector bancário de parte significativa dos resultados económicos;

- Graves situações ao nível económico, financeiro e tecnológico;

- Preterimento no acesso aos fundos destinados à reestruturação e modernização dos lanifícios;

- Apesar da viabilidade económica, degradam-se e caminham para a ruptura face à ausência de medidas de apoio e a falta de um programa de reestruturação e modernização do sector.

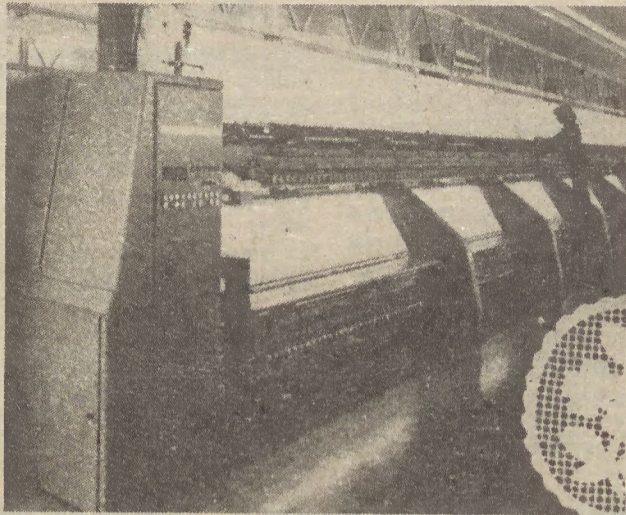
Tudo isto se reflecte na situação dos trabalhadores.

Algumas empresas poderão não reabrir depois do período de férias.

Tem havido encerramentos, paralisação e redução da actividade e redução da actividade produtiva.

Agravam-se casos de salários em atraso. Verifica-se o «não pagamento dos salários de Julho e subsídios de férias a largos milhares de trabalhadores».

Cresce o número de empresas que propõe o encerra-



mento de secções e a redução dos postos de trabalho. São ignoradas as garantias dos direitos dos trabalhadores, «utilizando para isso meios repressivos e métodos desumanos».

No entanto, o patronato tem recebido nos últimos anos «somas astronómicas». Depois de protestarem - designadamente a CIP - contra os dinheiros canalizados para apoio ao sector público, dispuseram, além dessas somas, de «dois factores ditos de grande vantagem em confronto com a concorrência europeia: horários mais elevados e salários baixíssimos».

Agora é a própria CIP que está preocupada com os problemas do sector.

Mas «o patronato tem grandes responsabilidades na actual situação». As conclusões da reunião do dia 1 no Porto sublinham que «houve elevadas acumulações de capital no sector, que não se traduziram em investimento, mas em novos riquismos provincianos».

Ao referir-se aos objectivos do patronato, as conclusões da reunião do Porto destacam que se pretende «criar um clima de impunidade e regabofe na sua prática, invocar mais facilmente razões para não pagar salários, não pagar à Segurança Social, à EDP e à Banca».

Além disso, fazem parte desses objectivos «manter a velha e caduca receita de baixos salários, elevados horários de trabalho e precariedade no emprego». Pretende-se «criar um clima limitador da acção reivindicativa dos trabalhadores do sector, que em Setembro terão a negociação dos seus contratos».

Entre outras reclamações urgentes apresentadas na reunião do Porto, «é indispensável uma política social que aplique o princípio de que nenhum trabalhador poderá ser prejudicado ou penalizado nos seus interesses económicos ou direitos fundamentais, em virtude de reestruturação, moderniza-

ção, encerramentos de empresas ou falências».

Entretanto, era anunciada em 27 de Julho pela Lusa que o Governo, através do Ministério do Emprego e Segurança Social, se prepara para lançar em Agosto uma campanha de informação para os trabalhadores das empresas do Vale do Ave sobre medidas especiais de protecção social para a região. O essencial deve consistir numa maior duração do período de concessão de subsídios de desemprego.

## Privatizações

# Comunistas exigem inquérito no BESCL

Perante um certo número de interrogações que formularam em 2 do corrente, os trabalhadores comunistas do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (BESCL) reclamam um inquérito e a suspensão da privatização do estabelecimento.

Transcreve-se na íntegra o comunicado do secretariado da Célula do PCP naquele banco em Lisboa:

«1. A Célula do PCP no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa tem vindo a acompanhar as notícias sobre irregularidades cometidas no processo de privatização de 40 por cento do Banco.

«2. Verificamos que, enquanto o Conselho de Administração (CA) mantém um silêncio comprometedor e a ausência de medidas para a defesa do bom nome do Banco, o Governo continua, a propósito das privatizações, a «tapar o sol com a peneira», fingindo que mexe sem mexer.

«3. Como diz o ditado popular «não há fumo sem fogo», e várias interrogações percorrem o interior do BESCL:

- Não estão já a aparecer

# Acordo Multifibras até final de 1992

O comité têxtil do GATT decidiu prorrogar o Acordo Multifibras (AMF) até Dezembro de 1992. Reunido em Genebra na passada quarta-feira, o comité reconheceu a necessidade de manter o AMF até ao final das negociações do Uruguay Round, sem assumir desde já quaisquer compromissos no respeitante à liberalização do comércio têxtil.

A decisão vem ao encontro de uma proposta apresentada pelos eurodeputados do PCP na sessão plenária de Junho do Parlamento Europeu em que, para além da prorrogação do AMF, se sublinhava a importância da inclusão de uma cláusula social mínima, nomeadamente no respeitante ao trabalho infantil, quer nos países terceiros quer em Portugal, e se defendia a necessidade de um período mínimo de 15 anos para a aplicação, em casos particulares, de programas específicos de modernização e reestruturação do sector.

Emboras as medidas propostas dos comunistas não tenham sido todas adoptadas, a prorrogação de 17 meses do AMF, no pressuposto que «os resultados do Uruguay Round entrem em vigor imediatamente após», confirma a justeza da referida proposta.

Segundo o porta-voz do GATT, David Woods, os países exportadores não serão afectados pelo prolongamento do prazo de vigência do Acordo, já que não serão impostas novas restrições durante o período em causa; aqueles países, liderados pela Índia e pelo Paquistão, pretendiam que a extensão do AMF fosse acompanhada de medidas de liberalização, o que não foi aceite pelos países importadores (ocidentais), para quem tal liberalização deverá estar dependente das negociações globais do GATT.

Recorda-se que as negociações do Uruguay Round de 1986 prevêem a progressiva integração do AMF no GATT, com a consequente eliminação das medidas proteccionistas actualmente existentes no sector têxtil e vestuário. O Acordo Multifibras abrange 52 países, entre os quais Portugal, que está longe de poder fazer face à liberalização sem graves consequências económicas e sociais.

## CAMARADAS FALECIDOS

### JOSÉ CARLOS GONÇALVES

Faleceu no final de Julho o camarada José Carlos Gonçalves. Nascido em Vila Franca de Xira, em 1923, era reformado da indústria farmacêutica (Ciba-Geigy). Aderiu ao Partido e à Federação das Juventudes Comunistas em 1941, quando estudante. Participou na resistência antifascista, tendo acção importante na FJC e na formação do MUD Juvenil, de que foi um dos membros mais destacados, particularmente depois da prisão da Comissão Central. Preso em 1947 pela PIDE, teve na prisão um comportamento exemplar. Integrou diversos organismos do PCP. Nos últimos anos trabalhou com a URAP, de que era activista e dirigente, tendo nomeadamente a seu cargo contactos com antigos tarrafalistas e tarefas na sede da União.

### ANTÓNIO OLIVEIRA

Com 74 anos, faleceu recentemente o camarada António Oliveira, da organização de reformados de Alhandra. Entre outras tarefas que teve no Partido, era um activo difusor do «Avante!».

### MANUEL LUÍS CHORA

Faleceu a 16 de Julho o camarada Manuel Luís Chora. Estava organizado na célula do Bairro 2-A, na freguesia do Alto Seixalinho, Barreiro.

### JOSÉ MARIA MARQUES

Fundidor-moldador reformado, há mais de 50 anos ligado ao Partido, faleceu no dia 24 de Julho o camarada José Maria Marques (Migas). Tinha 76 anos e militava na organização concelhia de Torres Vedras, onde fazia a distribuição do «Avante!» e a cobrança dos quotas dos camaradas da zona onde residia.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

aos balcões clientes a protestar, por um lado porque não lhes foram atribuídas acções do Banco e, por outro, clientes que venderam direitos ao Grupo Espírito Santo (GES) continuam sem receber o dinheiro prometido?

- É ou não verdade que técnicos de informática do BIC estiveram por diversas vezes no BESCL, inclusive no fim-de-semana que precedeu a privatização, comandando-a de fora para dentro, dando ordens profissionais a trabalhadores do Departamento de Organização e Informática do BESCL?

- É ou não verdade que, nesse mesmo Departamento, foi tirada uma listagem de clientes, com saldos médios elevados, a que teve acesso o GES?

- É ou não verdade que, dentro do BESCL e por funcionários do BESCL altamente colocados, foram centralizados direitos de compra de acções que posteriormente foram entregues ao GES?

- Foram ou não cedidas 5 linhas de rede telefónica para o escritório que o GES tem ao lado da sede do BESCL?

«4. Os comunistas do BESCL têm, com expectativa e preocupação, estas e outras interrogações, e exigem ver clarificadas todas as acusações de quebra de sigilo bancário, situações de favor e outras irregularidades.

«5. Desafiamos o dr. Vaz Pinto - que antes da privatização se desmultiplicou em declarações aos órgãos de informação, pondo-se em bicos de pés a apresentar a mercadoria e a afiançar que havia vários interessados - a vir prestar contas e os esclarecimentos que os trabalhadores do BESCL e a opinião pública reclamam.

No momento actual, resumir a sua intervenção à declaração de que «a privatização do BESCL não será afectada, mesmo que se descubra alguma irregularidade» («Expresso» de 27.7.91) é no mínimo muito estranho!

«6. Os comunistas do BESCL exigem a suspensão da privatização e a instauração de um inquérito rigoroso e independente para apuramento de toda a verdade, por forma a que o BESCL fique acima de qualquer suspeita e seja salvaguardada a dignidade dos trabalhadores».



## Jugoslávia

# Sérvia boicota cessar-fogo

Mais de uma centena de mortos é o trágico balanço dos confrontos registados a semana passada na Jugoslávia, entre sérvios e croatas. A situação voltou a agravar-se no domingo após o fracasso de mais uma tentativa da missão da CEE para a assinatura de um cessar-fogo, resultante da oposição dos dirigentes sérvios à presença de observadores da CEE na Croácia.

A *troika* comunitária, formada pelos ministros dos Negócios Estrangeiros da Holanda, Hans Van den Broek, do Luxemburgo, Jacques Poos, e de Portugal, João de Deus Pinheiro, regressou no domingo ao Luxemburgo depois da malograda tentativa de um cessar-fogo, com a convicção de que a Jugoslávia «se encaminha para a tragédia e a catástrofe», nas palavras de Van den Broek.

Segundo a delegação comunitária, a Sérvia boicotou a assinatura de um cessar-fogo ao faltar à reunião plenária da Presidência colegial jugoslava com os três

diplomatas da CEE. Ao contrário das restantes partes, a Sérvia quer, na opinião de Broek, «mudar as fronteiras internas do país»; esta opinião é reforçada por Jacques Poos, que acusa a Sérvia de

ção, em primeiro lugar, à Jugoslávia, em segundo lugar às outras repúblicas jugoslavas e, em terceiro lugar, à Comunidade». Para Deus Pinheiro, a comunidade internacional nunca aceitará

CEE studia novas medidas a adoptar para o que cada vez mais se configura como uma guerra civil entre sérvios e croatas. Admite-se que a Comunidade venha a privilegiar as repúblicas de facto interessadas na solução do conflito interno e a penalizar a Sérvia. Paralelamente, fala-se cada vez mais insistentemente no recurso a forças militares europeias de interposição, embora não exista unanimidade na CE sobre esta matéria. Recordar-se, a propósito, que o ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Dietrich Genscher, se manifestou já a favor do envio de uma força de interposição entre sérvios e croatas no âmbito da Comunidade ou da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE).

Entretanto o Parlamento croata decidiu congelar as suas relações com Belgrado e iniciar a mobilização de reservistas, embora continuando a afirmar a sua disponibilidade para uma solução pacífica através da mediação comunitária.



pretender «alargar o seu território em detrimento da Croácia». Também o ministro João de Deus Pinheiro responsabiliza a Sérvia pelo malogro das negociações, acusando os dirigentes sérvios de «boicote nítido, em rela-

«uma expansão da Sérvia por via militar ou armada», pelo que eventuais vitórias sérvias no terreno, a curto prazo, não terão hipóteses de êxito a médio e longo prazo.

Face à presente situação, o Conselho de Ministros da

## «Normalidade» no Golfo um ano depois da invasão do Kuwait

... «a América esqueceu os «grandes ideais» com que enfeitou a operação «Tempestade do deserto», em benefício do seu apoio tradicional às monarquias petrolíferas e da sua aliança estratégica com Jerusalém. Confirma-se assim a continuidade da sua política na região, que há mais de quarenta anos procura preservar o acesso ao petróleo barato, impedir qualquer tentativa de pôr em causa a sua hegemonia e assegurar a supremacia militar de Israel».

As palavras são de Henry Laurens, director-adjunto do Centro de História do Islão, na Sorbonne, em artigo recentemente publicado em «Le Monde Diplomatique», e podem constituir um ponto de partida para a reflexão que se vive no Golfo, na altura em que se assinala o primeiro aniversário da invasão iraquiana do Kuwait.

A generalidade dos órgãos de comunicação social dedicou ao assunto particular atenção e pródigo espaço, ou não estivéssemos nós em plena época de férias, parca de acontecimentos considerados de interesse.

Mas é interessante verificar que, de uma forma geral, as análises, embora diversas, têm em comum dois aspectos:

reconhecem, explícita ou implicitamente, o que afirma Henry Laurens, e continuam a omitir o número de mortos da guerra do Golfo como se de assunto tabu se tratasse.

Quando em 2 de Agosto as tropas de Saddam Hussein invadiram o Kuwait e o Conselho de Segurança das Nações Unidas condenou por unanimidade tal acção, poucos se atreveriam a pensar que a guerra daí resultante contra o Iraque iria dar origem à situação que hoje se vive na região. Ou seja - Iraque à parte - que tudo voltaria a ser como dantes.

Quem não se lembrará ainda das inflamadas declarações em prol dos direitos humanos e da democracia, a par do respeito pelo direito internacional?

Quem esqueceu que a invasão do Kuwait trouxe para a cena política internacional anteriores violações do mesmo direito, invasões e anexações de que os casos de Timor, Palestina e norte de Chipre são os mais salientes mas não certamente os únicos?

A intervenção norte-americana no Golfo, liderando as forças aliadas, em nome de princípios que são caros à humanidade, alimen-

tou a esperança de que uma nova era iria ser inaugurada nas relações internacionais. Falou-se de nova ordem internacional, do respeito pelos direitos dos povos, de paz, de democracia.

Um ano depois da invasão do Kuwait e seis meses depois da guerra contra o Iraque, o que resta dessas esperanças?

É verdade que está agendada para Outubro uma conferência de paz para o Médio Oriente; mas não é menos verdade que tudo parece apontar para que a mesma vá decidir sobre o futuro dos palestinianos sem que a estes seja reconhecido sequer o direito de escolher os seus próprios representantes.

Fora isso, a comunidade internacional parece ter ficado de consciência tranquila com a estabilização do preço do petróleo, enquanto a vida vai voltando ao «normal» nas monarquias feudais do Golfo.

Na Arábia Saudita, as execuções públicas voltaram a estar na ordem do dia (16 decapitações em três semanas), bem como as mutilações, a segregação das mulheres, a proibição dos partidos políticos, a total inexistência de liberdades,

## Conferência de paz

O governo israelita ratificou no domingo a decisão de Yitzhak Shamir em participar na conferência de paz para o Médio Oriente em Outubro próximo. Por 16 votos a favor e três contra, o executivo deu o seu aval à iniciativa, apesar da forte oposição de Ariel Sharon, ministro da Habitação, para quem as propostas norte-americanas põem em jogo a segurança de Israel.

Embora ainda esteja por definir a forma como os palestinianos vão participar na conferência, responsáveis da OLP parecem estar confiantes numa solução a seu contento; Bassam Abu Charif, conselheiro de Yasser Arafat, afirmou em Tunes acreditar que «existe lugar para uma fórmula que facilitará o processo de paz». A Turquia anunciou entretanto que deseja «acolher os participantes da conferência».

## ANC propõe governo interino

O Congresso Nacional Africano (ANC) propôs a semana passada a formação urgente de um governo interino na África do Sul. Falando em conferência de imprensa, o director dos serviços de informação do ANC, Pallo Jordan, afirmou que face à crise provocada pelo financiamento ilegal de partidos políticos o ANC está preparado para entrar em consultas com outras organizações, e convida De Klerk «a aderir a esta iniciativa». Considerando que «qualquer atraso inflamará o cancro da violência», o responsável do ANC fez notar que «o futuro do país está em jogo».

Entretanto, num encontro do Comité Nacional Executivo do ANC, em Joanesburgo, a organização acusou De Klerk de não ter tratado como devia o «Inkathagate». «O Partido Nacional - afirma o ANC - tem uma longa história de negação da democracia à nossa gente; quando finalmente reconheceu a necessidade de mudanças através de negociações, tentou, como demonstra este escândalo, fazê-lo através da subversão do processo». Para o ANC, o fracasso do governo em limpar a sua imagem combinado com o reconhecimento de ter minado as eleições na Namíbia demonstram que o executivo não pode servir simultaneamente de «juiz e jogador» no processo de reforma da África do Sul.

## Ajuda a Cuba

O chefe do governo soviético, Valentin Pavlov, afirmou há dias que a União Soviética tenciona manter estreitas relações com Cuba e rejeitou as tentativas de Washington de «ditar» a Moscovo a natureza das relações soviético-cubanas. Esta tomada de posição surge na sequência das declarações de Bush durante a cimeira soviético-americana, segundo as quais a manutenção por Moscovo da sua assistência a Cuba era um «obstáculo» à ajuda económica ocidental à URSS.

«Posso dizer-vos em termos claros que não vemos nenhuma razão para modificar as nossas relações (...) com qualquer Estado e, em particular, com um Estado que é nosso amigo desde há muito», afirmou Pavlov, acrescentando que «ninguém tem o direito de ditar a sua política a um Estado soberano».

## Unidade de paz

O ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Dietrich Genscher, propôs oficialmente no passado domingo a criação de uma «unidade de paz» no âmbito da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), semelhante aos «capacetes azuis» da ONU. Para Genscher, a União Europeia Ocidental (UEO), de que fazem parte os países da CEE à excepção da Irlanda, Dinamarca e Grécia, poderia servir de base para tal força de intervenção. Na ocasião, o ministro alemão propôs ainda a criação de outra força, os «capacetes verdes», que teriam por objectivo intervir em situações de catástrofe ecológica provocadas por conflitos armados.

## Reformas na Guiné

O Comité Central do PAIGC, reunido em sessão extraordinária de 1 a 4 deste mês, aprovou uma proposta de revisão da Lei dos Partidos Políticos, que agora deverá ser submetida à Assembleia Nacional Popular. Entre outras coisas, propõe-se a redução do número de assinaturas necessárias para a legalização dos partidos. O CC do PAIGC decidiu também propor ao Parlamento a revisão da lei da nacionalidade, a aprovação da lei de imprensa, da liberdade sindical, da greve e da requisição civil. Na reunião foi ainda decidido substituir Vasco Cabral no cargo de secretário-permanente do CC do PAIGC, no âmbito da separação do partido do Estado.

## Congresso da FSLN da Nicarágua

# Boas novas dos Sandinistas

Mal aterrámos em Manágua, logo que o avião se aproximou da torre do aeroporto, pudemos ver bem erguida e desfaldada a bandeira vermelha e negra da Frente Sandinista.

Entre os passageiros — várias delegações estrangeiras convidadas para o primeiro Congresso da FSLN e muitos estudantes nicaraguenses regressados de Cuba — houve manifestações de regozijo e algumas palmas.

Para os mais preocupados com os resultados das eleições de Fevereiro de 1990, que deram a vitória a Violeta Chamorro comportando consequências naturalmente graves, estava ali o primeiro sinal de que a Frente Sandinista continua a desempenhar um papel de grande influência em toda a vida da Nicarágua. Esta impressão simbólica seria amplamente confirmada no contacto com a realidade nicaraguense e de modo muito especial pelos trabalhos do 1.º Congresso da FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional).

Este fórum supremo dos sandinistas reafirmou a FSLN como «um partido revolucionário e anti-imperialista» e aprovou nesta base as linhas de intervenção e de resposta à difícil e complexa situação em que vive a Nicarágua.

### Os «acordos de transição»

Em 27 de Março de 1990, isto é, cerca de um mês depois da eleição de Violeta Chamorro e antes desta tomar posse do cargo de Presidente da República, foram celebrados, após aturadas negociações, os «acordos de transição» entre a Frente Sandinista, de um lado, e a Presidente eleita e das forças que a apoiaram, do outro.

Nos termos dos «acordos de transição», a Frente Sandinista reafirmou o seu apoio à Constituição da República, reconheceu o resultado das eleições e procedeu em consequência à transferência do governo.

Em contrapartida, Violeta Chamorro e os seus apoiantes comprometeram-se a respeitar:

— A estabilidade das forças armadas, isto é, reconhecer as Forças Armadas Sandinistas como as Forças Armadas Nacionais da Nicarágua, a sua hierarquia e os seus comandos, colocadas ao serviço da Constituição e das Instituições da República (na base dos acordos anteriores o exército dos «contra» foi desarmado);

— A manutenção das conquistas revolucionárias e das leis que as consagram, designadamente o estatuto da propriedade, a reforma agrária e a reforma urbana;

— A manutenção do espaço de actuação política da Frente Sandinista como partido da oposição em todas as áreas da vida política da Nicarágua.

Para melhor avaliar o significado destes compromissos vale a pena adiantar mais alguns esclarecimentos.

Em relação às Forças Armadas, o Chefe do Estado-Maior General é o general Humberto Ortega, durante 20 anos membro da Direcção da Frente Sandinista, agora mesmo reeleito neste Congresso, mas que naturalmente declinou por incompatibilidade com o alto cargo que desempenha nas Forças Armadas.

Em relação à reforma agrária é referido que ela expropriou o latifúndio somozista e outros latifundiários e transferiu para as mãos de pequenos agricultores mais de 50% da terra agrícola do país, fazendo 120 mil novos proprietários. A reforma urbana tem um significado idêntico em relação à habitação.

Em relação ao espaço de actuação da FSLN, é evidente que os sandinistas têm uma forte influência em dois dos principais diários do país, na rádio e que têm programas na televisão pagos, segundo nos informaram.

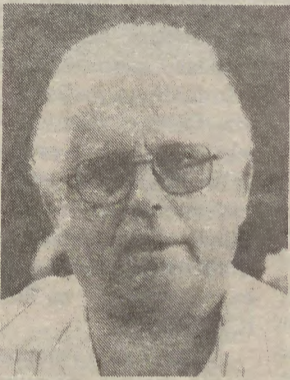
Refira-se também a grande força e influência do movimento sindical e do movimento popular, que ao longo de 1990 com as greves de Maio e Julho ripostaram energeticamente as medidas do governo e do patronato visando o agravamento das condições de vida dos trabalhadores e afirmaram o seu empenhamento na defesa das conquistas revolucionárias.

### Ofensiva do imperialismo e da direita

Esta situação decorrente dos «acordos de transição» não podia agradar de maneira nenhuma aos Estados Unidos e às forças mais reaccionárias da direita nicaraguense.

O imperialismo americano promoveu o bloqueio económico e a agressão militar contra a Nicarágua quando os sandinistas detinham o poder, suscitou e financiou a UNO (a união de toda a oposição aos sandinistas) e a candidatura de Violeta Chamorro não apenas para provocar uma simples mudança do governo na Nicarágua. Procedeu dessa forma para lançar um processo contra-revolucionário que liquidasse as transformações e conquistas revolucionárias concretizadas em dez anos de poder sandinista e para liquidar a própria Frente Sandinista.

A ingerência americana na vida nicaraguense prossegue por isso mesmo e escolhe o instrumento da dívida externa como uma forma privilegiada de pressão. Através das negociações para o empréstimo do FMI, designadamente, os Estados Unidos pretendem determinar a



**CARLOS BRITO**  
Membro da Comissão  
Política e Presidente do  
Grupo Parlamentar  
Comunista

política económica do governo Chamorro impondo um vasto processo de privatizações e a eliminação das conquistas sociais do povo nicaraguense.

Esta pressão externa está sintonizada com a ofensiva interna das forças mais reaccionárias da UNO, desenvolvidas especialmente no plano parlamentar. Para o efeito, a direita, que dispõe de 51 deputados, contra 39 da Frente Sandinista, constituiu uma comissão especial para definir orientações para alterar as leis da propriedade, especialmente a reforma agrária e a reforma urbana, ao mesmo tempo que a imprensa reaccionária desencadeia uma campanha de calúnias contra dirigentes sandinistas.

Logo que se tornou claro que as orientações da comissão especial não tinham outro objectivo senão concretizar um vasto plano de recuperação de terras e casas pelos latifundiários incluindo os somozistas, os deputa-

A FSLN  
rejeita energeticamente  
o propósito  
governamental  
de regresso  
ao modelo económico  
da concentração  
da riqueza

dos sandinistas retiraram-se da Comissão e retiraram-se do Plenário da Assembleia. Consideram que as alterações às leis da propriedade violam a Constituição e os «acordos de transição», recusam-se a participar sequer na sua votação para que não se diga que as legitimaram com o seu voto negativo.

As votações terão lugar em meados de Agosto. Os sandinistas contam com a sua força e a força do movimento de massas para impedir a sua concretização. Estão seguros também que as forças armadas nicaraguenses não permitirão que sejam aprovadas leis que representem o regresso dos somozistas às suas propriedades e posições.

A ofensiva da direita visa, por isso mesmo, também as próprias forças armadas e os seus comandos, com reclamações de que devem ser despartidarizadas.

Há que não esquecer que os «contra» foram desarmados, mas não desarticulados e alguns dos seus oficiais falam em criar um partido político.

Mas a direita não está toda unida.

O governo de Chamorro não se tem envolvido na ofensiva contra as leis da propriedade. Uma importante delegação governamental assistiu como convidada aos trabalhos do Congresso da FSLN e o ministro da Presidência, António Lacayo (a personalidade mais influente do governo de Violeta Chamorro), produziu na sessão de encerramento um discurso de saudação à Frente Sandinista que designou de partido mais importante do país, apelando à reconciliação, à concertação e à participação da FSLN num «projecto nacional» que garanta a unidade da nação.

A complexa situação política existente na Nicarágua é caracterizada por um conhecido comentador nicaraguense, Óscar René Vargas, numa obra recente, «Aonde vai a Nicarágua?», nos termos seguintes:

«— O governo Chamorro seria impossível sem a extrema-direita e os combatentes dos «contra». Mas os «contra» e a extrema-direita política não estão no poder; e o governo de Chamorro não é o representante directo dos «contra». Por outro lado, o governo Chamorro, ao menos na sua forma actual, teria sido impossível sem o apoio do Exército que encarna, na memória das amplas massas apesar da derrota eleitoral de Fevereiro de 1990, a revolução sandinista e as suas conquistas sociais.»

A esta complexa situação política soma-se a caótica situação económica decorrente do bloqueio do imperialismo, da agressão militar e da guerra e das políticas neo-liberais do governo Chamorro, depois das eleições de Fevereiro de 1990. A inflação acumulada no primeiro semestre de 1991 atingiu os 754,2% (em 1990, no mesmo período, tinha atingido os 882,2%). O desemprego ronda



# Na festa!

AMORA-SEIXAL • 6, 7 e 8 SETEMBRO

**Avante!**

Director

António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 8

8 de Agosto de 1991

Não pode ser vendido  
separadamente



ATÉ 6 DE SETEMBRO  
**FALTAM**  
**29**  
**DIAS**



Eugenio Finardi no Jamor, 1978

# O ROCK ITALIANO

XV FESTA  
Avante!  
Atalá - Amora - Seixal 6, 7 e 8 Setembro '91

GIANNA NANNINI

O rock italiano está intimamente ligado à Festa do «Avante!» e alguns dos seus grandes êxitos. Foi logo na primeira edição da Festa, em 1976, na FIL, que a actuação do grupo Area ficaria a assinalar não apenas uma verdadeira explosão de entusiasmo, como constituiria um episódio culturalmente marcante da própria personalidade da Festa. Liderados pelo vocalista Demetrio Stratos, os Area constituíram um «caso» da cena musical europeia dos anos 70 com uma carreira a que a morte inesperada de Demetrio viria ainda a tornar quase lendária. Os cinco músicos dos Area (Demetrio, Giulio Capiozzo, Patrizio Fariselli, Ares Tavolazzi e Paolo Tofani) provinham de áreas musicais bastante diversificadas, embora com uma comum influência

jazzística. A sua aposta musical era particularmente ambiciosa: por um lado, uma opção por um rock pioneiro no uso de teclados, um rock que musicalmente se poderia ao tempo considerar progressivo, de certa forma na linha dos americanos da West Coast; em segundo lugar, este rock era cantado em italiano, aposta complicada num país onde as tradições de belcanto são profundas; finalmente, do ponto de vista político e ideológico, os Area situavam-se declaradamente à esquerda, na área comunista. Era uma aposta conflitual e difícil: os Area apostavam num rock num país dominado pela canção napolitana pela produção tipo Festival de S. Remo, o que não facilitaria a adesão de um público popular; relativamente ao público jovem afecto ao rock, vivia-

se o tempo em que se considerava que o rock só podia ser cantado em inglês (e alguns casos, como especialmente a produção francesa yé-yé parecia dar razão a tal ideia...), donde a aceitação também podia ser complexa; finalmente, junto do público de esquerda, mais vinculado à música popular (de que era expoente Leoncarlo Settimelli e o seu Nuovo Canzoniere Internazionale que também esteve na FIL), a sonoridade rock era de difícil aceitação. Acrescendo ainda que para o público juvenil com posições ideológicas contestatárias, influenciadas ainda por 68 (tam passados apenas seis anos!), as opções dos Area em vários campos (a sua militante posição antidrogas, por exemplo) poderia surgir como excessivamente ortodoxa. A verdade é que, em Itália,

os Area ganharam a 100 por cento e podem ser justamente considerados os criadores do rock italiano. Algumas das suas canções são clássicos definitivos: «Mella de Odessa», «Gioia i Rivoluzione», para não falar da histórica versão rock de «A Internacional» gravada ao vivo num festival da Juventude Comunista Italiana. Para este êxito contribui decisivamente a voz de Demetrio Stratos, um

instrumento musical inestimável que tornava as canções do grupo rigorosamente inconfundíveis. A actuação dos Area na FIL foi um contributo importante para configurar o perfil culturalmente aberto que viria a constituir um dos mais sólidos traços da Festa. O olhar depreciativamente crítico sobre o rock era, há 15 anos, também uma realidade em sectores significativos da opinião de esquerda no nosso país e teve inegável razão quem disse que os numerosos decibéis do concerto dos Area na nave central da Feira das Indústrias, além de «rebentarem» com muitos ouvidos, fizeram literalmente ir pelo ar muitos preconceitos! O êxito foi tal que, poucos meses depois, o grupo de Stratos voltaria a Portugal para dois memoráveis

concertos, um no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, e o outro no Pavilhão dos Olivais, em Coimbra, ambos promovidos pela UEC. Dois anos depois, na segunda Festa realizada no Jamor, em 1988, novo rocker italiano arrastaria a Festa! Fora Demetrio Stratos que assegurara o contacto e, tal como os Area, cantava em italiano e situava-se à esquerda: Eugenio Finardi. Com o concerto de Finardi se deu aliás um caso único na história das Festas. A chegada verificou-se que o grupo se fazia acompanhar de enorme quantidade de equipamento: luzes, som, back line. A sua montagem e ensaio exigia no mínimo seis horas e, uma vez realizada, não permitia qualquer deslocação. Não previsto, este facto tornava impossível a sua instalação no palco principal uma vez que obrigaria a total modificação do programa, com anulação de parte substancial. Houve que tomar decisões e optou-se assim por deslocar a actuação de Eugenio Finardi para o palco 2, no outro extremo da Festa. onde as alterações de programa foram mais simples e se tornou possível assegurar o necessário tempo de montagem do equipamento. O concerto foi um estrondoso êxito e a reacção do público comoveu Finardi até às lágrimas. E não se poderia dizer que fosse artista pouco habituado a públicos expansivos! Foi um hiato de doze anos até nova presença do rock italiano - mas tudo indica que a demora será compensada... Gianna Nannini é hoje uma das principais figuras do rock europeu e a indiscutível primeira figura da cena rock italiana. Nos Estados Unidos, como revela a cronologia da sua carreira que publicamos nesta página, é o que se sabe.



Uma maçã roída ao microfone lançada para a assistência! Consta que quem a agarrou ainda hoje a conserva!



Demetrio Stratos na FIL, 1976



Gianna Nannini: além da voz única, um extraordinário «bicho do palco»

1956. Gianna Nannini nasce em Siena, em 14 de Junho.

1970. Começa a estudar piano no Conservatório Luigi Bocherini, perto de Lucca, onde se mantém até 1974.

1975. Muda-se para Milão para estudar filosofia na Universidade e composição com Bruno Bettinelli. Grava para a prestigiada etiqueta Dischi Ricordi, cujas primeiras edições incluem o próprio Giuseppe Verdi!

1976. Depressa se transforma numa intérprete regular das suas próprias canções no café «L'Operetta», um retiro favorito da juventude milanesa, na Porta Ticinese. É posto à venda o seu primeiro álbum, «Gianna Nannini».

1977. Primeiros concertos importantes. Gianna canta, acompanhando-se ao piano, em concertos ao ar livre, a maior parte organizados pelo Movimento das Mulheres Italianas em várias cidades de Itália.

1978. Gianna integra o círculo milanês de jazz-rock e colabora com os Euro-Rockers «PFM» (Premiata Forneria Marconi) no seu segundo álbum, «Una Radura».

1979. Durante uma visita à Califórnia, Gianna encontra nova inspiração nos meios do rock da Costa Oeste, mas, ao mesmo tempo, é profundamente perturbada por alguns dos aspectos menos atraentes dos EUA. Para descobrir a sua própria América decide regressar à Itália. Tinha nascido «California», seu terceiro álbum.

1980. A letra do primeiro single de sucesso de Gianna, «America», provoca celexuma nos títulos dos media e indignação de moral ultrajada. A canção é uma mal velada metáfora que utiliza os EUA como sinónimo de um estímulo euro-erótico.

1981. Gianna compõe a banda sonora para «Sconcerto Rock», um filme produzido por Bernardo Bertolucci sobre a rádio independente. Conhece o compositor «avanguardista» milanês Roberto Cacciapaglia, que produz o seu álbum de música electrónica experimental intitulado «G.N.». Contrata o seu novo manager, Peter Zumsteg.

1982. A nova equipa começa a produzir e colabora no seu quinto álbum, «Latin Lover», com o produtor Conny Plank (Eurythmics, Ultravox, Kraftwerk, etc.). Em Outubro, Gianna aparece no programa da Eurovisão «Rockpalast» e actua pela primeira vez na sua lendária performance com a sua nova banda The Primadonnas.

1983. Turné de Gianna e The Primadonnas em mais de 30 cidades, como convidada especial da estrela máxima do rock alemão, Udo Lindenberg. Gianna canta e representa o papel de «Titania» no filme musical de Gabriele Salvatores, «Sonho de Uma Noite de Verão». Participa em vários festivais ao ar livre, por exemplo no Berlin Waldbühne e, como convidada especial dos The Police, no Golden Summer-night Concerts.

1984. O realizador italiano Michelangelo Antonioni, que já anteriormente tinha inserido canções de Gianna nos seus filmes, dirige o estupendo vídeo para o seu single «Fotoromanza». O álbum «Puzzle» sai a público em Março. Inicia uma imensa turné europeia, incluindo grandes concertos ao ar livre com outros nomes artísticos do Top. Actua também no célebre Festival de Jazz de Montreux. Segue-se uma turné com grandes multidões em Itália — 38 concertos em 42 dias — com uma audiência total superior a 300 000 pessoas. «Fotoromanza» chega nuns curtos dois meses a n.º 1 em Itália, enquanto «Puzzle» domina os Top Ten dos álbuns durante seis meses, tornando-se o primeiro álbum de uma artista de rock a vender cerca de 250 000 cópias e a receber o disco de ouro no seu país de origem.

1985. O duplo álbum «Tutto Live» é posto à venda com temas gravados em Berlim, Montreux, Locarno, Siena e Dortmund. Gianna regressa aos EUA, agora como estrela confirmada, e como representante oficial da RAI (televisão nacional italiana) que tinha sido premiada com um EM-

MY. Canta o controverso «America» com The Primadonnas no palco do Lincoln Center em Nova Iorque. Gianna dá início à sua primeira turné europeia como cabeça de cartaz e, em Agosto, dá o seu concerto final com The Primadonnas em Bolzano.

1986. Saída em toda a Europa do álbum «Profumo», em Setembro. O disco é produzido por Gianna com a mesma equipa vitoriosa que trabalhou em «Puzzle». O tema que dá o nome ao álbum e o single seguinte, «Bello e Impossibile», são ilustrados com excelentes vídeos realizados pelos lendários austríacos «Torpedo Twins», Hannes Rassacher e Rudi Dolezal. Simultaneamente, «Latin Lover» vence o disco de ouro na Alemanha com vendas que excedem os 250 000 exemplares. Quatro meses depois, «Profumo» é confirmado como o melhor álbum de Gianna produzido até então. Duas grandes aparições na TV: «Peter's Pop Show Extra» (transmitido em 22 países) e «World Music Video Awards» (transmitido em 60 países).

1987. Críticas entusiastas saíam das actuações de Gianna nas canções de Brecht-Weill com Sting, Jack Bruce e outros no Hamburg Schauspielhaus, no 1.º de Maio de 1987. Doze meses após ter sido posto à venda, «Profumo» tinha aberto uma brecha de cerca de 700 000 cópias vendidas e recebia o prémio do disco duplo na Itália, o de ouro na Alemanha e o de platina na Suíça.

1988. «Profumo» confirma-se como o disco de Gianna a vender mais de um milhão de cópias. O álbum seguinte, «Malafemmina» sai em toda a Europa, ganhando a «platina» e contendo o single «Hey Bionda». Escolhido para canção lema do Festivalbar, o maior acontecimento televisivo italiano do Verão, «Hey Bionda» torna-se o quarto n.º 1 de Gianna, e o seu vídeo dos «Torpedo Twins» é saudado

como um dos mais emocionantes e originais do ano de 1988. A turné de então, a maior de sempre, levou Gianna a actuar em 47 espectáculos em 10 países.

1989. Em Novembro, Gianna grava «Un'Estate Italiana», o título da canção oficial para o Campeonato do Mundo de Futebol de 1990 na Itália. Escreveu e cantou a canção juntamente com o seu amigo italiano, Edoardo Bennato, uma lenda do rock, com música de Giorgio Moroder. A canção mereceu outro vídeo «Torpedo Twins» de classe superior.

1990. Logo no princípio do ano, Gianna volta ao estúdio com a sua banda (Rudiger Braune, bateria; Marco Colombo, guitarra; Andy Wright, teclas; e novos membros: Hans Baar, contrabaixo, e Chris Jarrett, guitarra) para co-produzir um novo álbum na London's Rak, com Dave M. Allen, mais conhecido pelo seu trabalho com «The Cure». Adoptada como canção lema do Campeonato do Mundo de Futebol de 1990, «Un'Estate Italiana» é cantada por Gianna e Edoardo para uma audiência mundial de cerca de um bilião pela TV, durante a cerimónia de abertura do Campeonato em Milão em 8 de Junho. Os lucros desse enorme êxito foram doados à Amnistia Internacional. No fim de Julho, Gianna deslucou-se «Wroclaw para as filmagens do vídeo para o novo single «Scandalo», realizado por Dieter Meier, dos Yello. Em 27 de Agosto, o álbum «Scandalo» é posto à venda em toda a Europa. No fim desse mês, Gianna actua nos três mais importantes festivais europeus do ano. Nos cartazes figuravam Tina Turner, Simple Minds, Cris De Burgh, Gary Moore e Jethro Tull. A «Scandalo European Tour 1990» (turné europeia de 1990) é lançada em Outubro — 44 concertos levam Gianna a 12 países.

A Cidade Internacional é para o comum visitante da Festa, para o comunista, para o trabalhador, para o democrata, uma oportunidade única e muito esperada para o convívio com as outras forças progressistas do mundo inteiro. Para aumentar o seu saber e o seu conhecimento sobre as lutas que em todo o mundo vão abrindo a estrada da libertação ou resistindo às pressões do imperialismo. Para outros será como que um teste à capacidade de relacionamento dos comunistas portugueses para com os seus irmãos de luta. Para todos constituirá a reafirmação de que os laços do PCP com os outros partidos comunistas e com as forças progressistas de todos os continentes se reforçam, apesar das preocupações que se adensam.

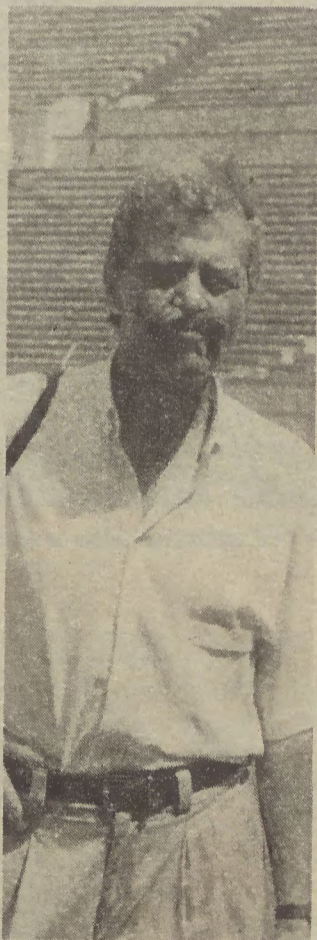
Mas a Cidade Internacional é mais do que isso. É o espaço privilegiado da Solidariedade Internacionalista com os povos em luta pela sua libertação nacional, pela democracia e pelo progresso social, pela paz e pelo socialismo. É esta Cidade que vai acolher, na Festa deste ano, para além da representação directa, em pavilhões, de partidos comunistas e de outras forças progressistas de diversos países da Europa, Ásia, África, América Latina e Oceania, uma zona de debate e convívio. É o Espaço Solidariedade.

Neste espaço, o visitante pode conhecer melhor aspectos da situação internacional e ter contacto directo com representantes de partidos e de organizações que poderão falar sobre a situação nos seus países e esclarecer sobre aspectos da sua luta e acção, durante a realização de momentos de solidariedade. Estão previstos, entre outros, os seguintes: com a luta do povo sul-africano; com os povos em luta do Médio Oriente, nas condições consequentes à guerra do Golfo; com Timor-Leste e a Fretilin; com Cuba Socialista.

Para além dos partidos que estarão representados apenas por delegações — e são muitos — há pavilhões que incluem exposições políticas e artesanato. São os casos da URSS, da China, de Cuba, da Coreia, da Checoslováquia, da Hungria, da França, de Angola, de Moçambique, de Cabo Verde, das Filipinas, da Argélia, do Líbano, da Palestina, de El Salvador, entre outros.

Haverá também restaurantes de vários países — URSS, China, Cuba, Coreia, Fretilin e Argélia. O bar da «vodka» e um outro apoiam o Espaço Solidariedade, onde têm lugar também momentos de animação e de divulgação, por vídeo, da luta de algumas organizações presentes.

## Cidade Internacional Um Espaço de Solidariedade



A proliferação de provas desportivas após a Revolução contribuiu para o aparecimento de novos valores.

Os efeitos positivos deste conjunto de iniciativas poderão ter alguns incóvenientes se os atletas, os técnicos e os próprios dirigentes não racionalizarem a sua participação. Aliás, a existência de estímulos monetários ou de outro género está a criar prejuízos nalguns atletas, pondo em causa eventualmente toda a sua preparação e o aparecimento de lesões é prova disso.

A existência de prémios monetários também deturpa o espírito de convivência que este tipo de prova proporciona e noto que, nalguns casos, o convívio está a ser substituído por uma certa hipocrisia que leva até que alguns atletas escondam dos outros as provas em que vão participar! Importa fortalecer o espírito desportivo e de convívio e são eles exactamente que provas como a da Festa do «Avante!», incluída no calendário das provas populares, proporciona.

### Fonseca e Costa

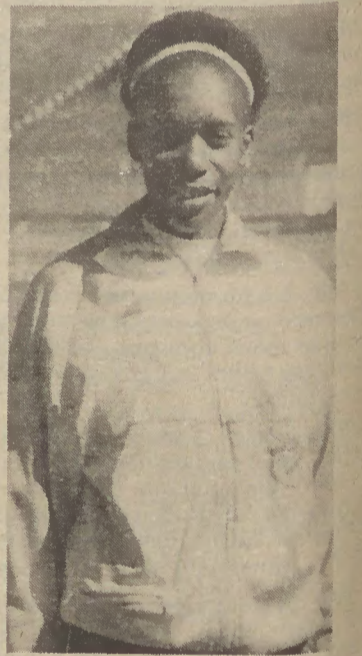
Professor de Educação Física. Treinador das atletas Carla Sacramento, Maria João Lopes, de Manuel Matias, etc. Ex-técnico do Belenenses, Benfica e FCP, tendo feito parte na Federação Portuguesa de Atletismo equipa com os professores Moniz Pereira, Fernando Mota e Rui Oliveira

Estas provas são sempre benéficas, acabam sempre a estimular vontades. Eu sei-o por experiência própria: apareci aos 7 anos numa prova popular do 25 de Abril realizada nas Paivas, no concelho do Seixal.

Nestas iniciativas aparecem sempre muitos jovens e são excelentes oportunidades para a detecção de novos valores. Pela minha parte, desejo os maiores êxitos à prova da Festa do «Avante!»

### Carla Sacramento

Atleta de alta competição do Sport Lisboa e Benfica nas modalidades de 800 e 1500 metros. Obteve o 4º lugar nos Campeonatos do Mundo de 1990, realizados em Plovdiv-Bulgária



Como responsável do Pelouro de Desporto na cidade de Lisboa, tenho uma opinião muito positiva de provas como a Corrida da Festa do «Avante!», pelo seu carácter popular de ampla participação desportiva de massas. Este tipo de provas permite que através do Desporto seja possível alargar o convívio e amizade entre os seus participantes.

Pelo que acabo de afirmar, apoio a Corrida da Festa do «Avante!» 1991 e apelo a todos aqueles que fazem da corrida uma forma positiva de ocupação dos seus tempos livres a participarem nesta corrida.

### Eng. Rego Mendes

Vereador do Pelouro de Desporto da CML



# Corrida da «festa!» 91

**"Mi causa  
es La causa de mi pueblo.  
La causa de América,  
La causa de todos los pueblos  
oprimidos."**

*Al Sandino*

**SANDINO VIVE EN LAS LUCHAS  
Y VICTORIAS DEL PUEBLO.**



cerca de 40% da população activa. Nas ruas de Manágua, onde ainda perduram os escombros do terramoto de Dezembro de 1972, legiões de nicaraguenses desempregados cercam os automóveis nos sinais para vender toda a espécie de objectos.

Foi neste quadro de impressionantes dificuldades, mas também de grandes possibilidades e esperanças, que se realizou o 1.º Congresso da FSLN.

**Partido revolucionário e anti-imperialista**

O 1.º Congresso da FSLN insere-se no processo de transformação da organização guerrilheira que libertou a Nicarágua do somozismo e que governou o país durante dez anos como partido do poder, num grande partido de massas na oposição.

A FSLN propõe-se regressar ao poder para prosseguir a revolução interrompida visando assegurar na Nicarágua a paz, a liberdade e a democracia, com o desenvolvimento económico, a justiça social, a distribuição equitativa da riqueza e a concretização dos mais nobres ideais do humanismo socialista.

O Congresso confirmou que é pela via eleitoral que a FSLN se propõe regressar ao poder, mas recusou o eleitoralismo, valorizou a luta de massas como factor de progresso e a acção revolucionária como garantia essencial das conquistas sociais do povo nicaraguense.

A FSLN define-se nos estatutos aprovados no Congresso como «um Partido Revolucionário e Anti-imperialista».

O Congresso aprovou um desenvolvido programa de recuperação económica apontando respostas para os problemas da inflação, da estagnação produtiva e do desemprego.

A FSLN rejeitou energeticamente o propósito governamental de regressar ao modelo económico da concentração da riqueza.

O Congresso só admite as privatizações quando ditadas pelo interesse nacional e pronunciou-se no sentido de que «em geral as propriedades estatais devem ser transferidas a favor dos trabalhadores».

A FSLN mostra-se empenhada na concertação social e até na aprovação de um novo código laboral. Para quem conhece o «pacote laboral» recentemente aprovado no nosso país e outros que vigoram no mundo capitalista parece uma clara insuficiência não aparecerem



claramente definidos os princípios que devem nortear esse código laboral.

A tónica mais forte do Congresso incide, no entanto, na firme oposição às tentativas da contra-revolução e na defesa das conquistas revolucionárias do povo nicaraguense.

No discurso de encerramento do Congresso, o comandante Daniel Ortega, já eleito secretário-geral da Frente Sandinista, numa clara resposta à intervenção do ministro da Presidência, atrás referida, afirmou que a «FSLN dizia sim à reconciliação, dizia sim à concertação, dizia sim a um projecto nacional, mas tudo isto com a defesa das conquistas revolucionárias».

O Congresso apreciou crítica e autocriticamente as eleições de Fevereiro de 1990 e a derrota sofrida pela Frente Sandinista. A principal causa apontada é o desgaste produzido na sociedade nicaraguense pela política intervencionista norte-americana levada a efeito desde 1984 com o bloqueio e a agressão militar dos «contra». Isto não significa que não fossem reconhecidos erros e deficiências da própria FSLN com destaque para o triunfalismo e a falta de previsão dos novos fenómenos que se produziam na sociedade.

A Frente Sandinista apresenta como tópicos destacados da sua plataforma: o pluralismo político, a economia mista e o não alinhamento internacional.

O socialismo continua a ser uma referência fundamental na luta da FSLN, nos termos do parágrafo com que termina o relatório da direcção do Congresso: «o caminho para o socialismo que salve os valores do género humano e que verdadeiramente garanta a paz com justiça, o respeito pelos direitos humanos, a liberdade e a democracia».

**Solidariedade internacionalista**

O 1.º Congresso da Frente Sandinista foi uma importante afirmação da solidariedade internacionalista. Foi, antes de tudo, pelas posições assumidas pela própria FSLN no combate ao imperialismo e pelo apoio aos povos do mundo que com mais destaque estão na luta contra ele, salientando-se as afirmações e manifestações de solidariedade para com Cuba. Foi também pela presença de 170 delegações estrangeiras idas de praticamente todo o mundo e que compreenderam delegações de partidos comunistas, movimentos nacionais de libertação, partidos socialistas e sociais-democratas, forças intituladas de «nova esquerda» e organizações trotskistas.

Nos contactos realizados ressalta a convicção muito geral de que é necessário e urgente reforçar a solidariedade e a cooperação entre os partidos e forças de esquerda, revolucionários e progressistas. Sugerem-se e estão em marcha iniciativas nesse sentido. A Frente Sandinista promove no próximo mês de Outubro um encontro internacional sobre a solidariedade.

Na mensagem dirigida à Direcção da FSLN, por ocasião do seu 1.º Congresso, o Comité Central do nosso Partido salientou: «O PCP considera útil e necessário o reforço da cooperação e solidariedade entre todas as forças revolucionárias, democráticas, do progresso social e amantes da paz».



# Duas ou três notas

**1.** Um dos aspectos mais negativos da acção do Governo PSD de Cavaco Silva e, simultaneamente, dos que melhor caracterizam a orientação da sua política, é o que se refere ao agravamento da desigualdade na distribuição da riqueza criada no País.

A medida dessa desigualdade, e do seu agravamento, é fornecida pela distribuição funcional do Rendimento Nacional (RN), isto é, pela análise das parcelas (e sua evolução) do RN que são atribuídas a cada «função» do processo económico, nomeadamente à «função» trabalho e à «função» capital.

Ora, a este respeito, as estatísticas oficiais não deixam margem para a menor sombra de dúvida: a orientação da política do Governo visou e teve por resultado o crescente aumento da parcela dos rendimentos de capital e, paralelamente, a redução da parcela dos rendimentos do trabalho.

Na verdade, enquanto em 1986 os salários dos trabalhadores por conta de outrem representaram 45% do RN, em 1990 a parcela dos salários baixou para 41,5%. Note-se, por acréscimo, que esta redução se verificou apesar de ter aumentado o número de trabalhadores (aumento esse que na sua grande maioria assentou no emprego precário).

Esta evolução é tão evidente e irrefutável que o Governo pretende agora desvalorizar o significado da distribuição funcional do RN, considerando-a um conceito anacrónico e ultrapassado (apesar de ser utilizado em todos os países e em todas as estatísticas internacionais, por exemplo as da CEE).

Diz agora o Governo que o importante não é a distribuição funcional mas sim a distribuição pessoal do Rendimento, pois que aquela não toma em consideração, por exemplo, os juros de depósitos bancários que os trabalhadores possam receber, que a redução da parcela dos salários pode não ter sido em favor do capital mas em proveito dos pensionistas e reformados, dos trabalhadores por conta própria, dos pequenos agricultores, comerciantes, etc.

É evidente que a distribuição funcional continua, hoje como ontem, a ter um significado importantíssimo e insubstituível, pois o facto de os trabalhadores poderem receber alguns juros ou, até, alguns dividendos por terem aplicado as suas parcas poupanças na compra de acções, isso

não significa que tenham passado a ser detentores dos meios de produção, e o seu rendimento pessoal continua a basear-se no salário.

Mas passemos, por agora, por cima dessa realidade, deixemo-nos «levar» pela «canção» do Governo de Cavaco Silva, e vejamos o que nos dizem as estatísticas oficiais sobre a distribuição do rendimento disponível do País.

Consideremos por um lado o rendimento das famílias (qualquer que seja a natureza desses rendimentos - salários, juros, dividendos, remessas de emigrantes, pensões e reformas, etc. - e integrando todas as famílias portuguesas - desde as dos trabalhadores às dos reformados, agricultores, industriais e comerciantes em nome individual, etc.), por outro lado o rendimento do Estado e, finalmente, o rendimento das sociedades, do capital.

Pois bem, as conclusões são as mesmas: a parcela do rendimento disponível distribuído pelas famílias portuguesas, baixou de 83% em 1986 para apenas 73% em 1990. Simultaneamente, a parcela do Estado aumentou de 13% para 17% e a parcela das sociedades, do capital, deu um enorme salto dos 4% para os 10% do Rendimento Disponível total. Mais terra a terra, o rendimento disponível das sociedades saltou dos 180 milhões de contos em 1986 para 900 milhões de contos em 1990!

Em suma: por muitas artimanhas que Cavaco Silva pretenda usar em época de campanha eleitoral, nunca conseguirá esconder que a política dos seus Governos teve, e tem, por orientação e objectivo fundamental o crescente aumento dos lucros do capital.

**2.** A política classista dos Governos de Cavaco Silva e do PSD, visando o benefício da classe capitalista em prejuízo da classe trabalhadora e de outras camadas laboriosas, é indelével. Mas Cavaco e seus «muchachos» não desarmam facilmente, e lá vão argumentando que é necessário, primeiro, beneficiar a acumulação capitalista, para que o capital possa investir, criar postos de trabalho, «criar riqueza» para que, depois, se possa distribuir.

É uma canção tão velha como o capitalismo, para tentar justificar a perpetuação da exploração da força de trabalho,



**OCTÁVIO TEIXEIRA**  
Membro da Comissão Política

O Governo de Cavaco Silva privilegia a «economia de casino» em detrimento da «economia produtiva»

sendo certo que o «depois», que a fase da distribuição justa e equitativa nunca aparece.

Mas também aqui o argumento do Governo é cabalmente desmentido pela realidade.

Na verdade, se a tese do Governo sobre a acumulação tivesse uma réstea de seriedade (e olvidamos por simplificação a necessidade de acumulação por parte dos empresários em nome individual, pois também eles precisam de investir), natural seria que essa acumulação se verificasse fundamentalmente nas empresas directamente produtivas, na indústria como na agricultura ou nas pescas.

Mas não é isso que se verifica em Portugal. Na verdade, dos 900 milhões de contos de rendimento das sociedades em 1990, cerca de metade foi apropriado pelo sector financeiro.

**Isto é: o Governo de Cavaco Silva não só beneficia o capital em prejuízo do trabalho, como, dentro do capital, privilegia a «economia de casino» em detrimento da «economia produtiva».**

**3.** Uma terceira nota sobre a acção concreta do Governo merece a nossa reflexão, nesta época estival que antecede as eleições de 6 de Outubro.

Tem ela a ver com o processo das privatizações, ou melhor, com a falta de transparência, com o clientelismo e negociadismo que tem rodeado as privatizações. A privatização da Sociedade Financeira Portuguesa, da Aliança Seguradora, do BESCL e do Banco Fonseca & Burnay é clara a esse respeito. Qualquer destas empresas do sector financeiro seria, em «condições normais», capaz de atrair a gula de vários grupos capitalistas.

Mas não foi isso que aconteceu. À privatização da SFP apenas apareceu como interessado o grupo Mello. À da Aliança Seguradora um grupo formado pelo IPE/UAP/Mague. O BESCL, o maior banco comercial português, apenas despertou o interesse do grupo Espírito Santo que, mesmo antes da privatização, dispôs em seu favor dos ficheiros, das instalações e de pessoal do BESCL, com a conivência do respectivo Conselho de Gestão e do Governo. No que respeita ao BFB, o único concorrente foi o grupo BPI que, por acréscimo, foi quem avaliou oficialmente o BFB para efeitos de privatização (já reparou o leitor como seria se cada um de nós tivesse o poder de fixar o preço da casa ou do automóvel que queremos comprar?).

É evidente que este facto, que o aparecimento de um único grupo económico na aquisição de cada empresa a privatizar, nada tem de coincidência ou acaso.

O que se passa é que existe uma efectiva concertação prévia dos diversos grupos económicos, que entre si distribuem os despojos do sector público da economia. Concertação de interesses privados em que participa o Governo de Cavaco Silva. Sem qualquer margem para dúvidas, pode afirmar-se. Porque, se por mera hipótese académica, o Governo não tivesse essa participação activa, teria necessariamente suspenso aquelas privatizações, tal como a lei lho permite e prevê. Mas não o fez, nem por iniciativa própria nem quando os factos foram publicamente denunciados.

É uma promiscuidade total entre a acção do Governo de Cavaco Silva e os interesses privados dos grupos económicos. Promiscuidade que, a verificar-se em qualquer país em que as instituições democráticas funcionem em plenitude, já teria levado à demissão do Governo. Mas Cavaco Silva comporta-se como um onnipotente patrão deste País. Abusando da sua actual maioria parlamentar. Mas também porque, neste âmbito das privatizações, o Partido Socialista não se define de forma clara, optando por uma posição de aparente «distracção».

Também esta posição do PS é merecedora de uma atenta reflexão...

**4.** As duas ou três notas que hoje se deixam à reflexão dos leitores ilustram bem algumas das orientações fundamentais da política de Cavaco Silva e do PSD, assinalam os perigos de uma maioria absoluta monopartidária e são, só por si, reveladoras da necessidade de em 6 de Outubro se recolocar a direita em minoria no nosso país e de reforçar o peso eleitoral da CDU — questão fundamental para que se abram as portas à possibilidade de constituição de um Governo democrático com uma política diferente.



# O poderoso «lobby da caridade»

Tal como, noutros artigos, procurámos demonstrar, fácil é reconhecer-se que o capital de origem eclesiástica se vai instalando, aceleradamente, na nossa economia e no mercado financeiro português. Fiel aos métodos normalmente seguidos pela OD, a invasão alastra através do aparelho do Estado, das instituições do ensino, das bolsas de valores, da banca e do crédito.

Novos investidores instalam, nos diversos sectores económicos, poderosos «lobbies», ou grupos de pressão, que agem à vontade, por entre o fogo cruzado das privatizações e dos escândalos financeiros semi-silenciados. A sua ligação com sectores da igreja jamais é admitida.

Em Portugal, se a grande e incontestada escola dos tecnocratas católicos tem sido a «Opus Dei», surgiram recentemente indícios reveladores de que outros sectores da igreja nacional se preparam para autonomizar acções empresariais que permitam o integral aproveitamento e revalorização de um imenso património imobiliário.

No silêncio dos gabinetes dos grandes bancos e dos ministérios prepara-se, e encontra-se em avançado estado de organização, o nascimento de novo grupo financeiro a que, na banca, já chamam o «Lobby da Caridade». É basicamente constituído pelas Misericórdias portuguesas, pela CÁRITAS, pelas IPSS — Instituições Particulares de Solidariedade Social e pelas Conferências de S. Vicente de Paulo.

A organização do empreendimento exige uma preparação cuidada e isenta de «fugas» de informação. Por isso, as notícias divulgadas sobre este assunto são verdadeiramente escassas. Sabe-se, no entanto, que o movimento das Misericórdias — figura central deste grupo — se dividiu estrategicamente em dois grandes núcleos.

A Norte, com sede no Porto, constituiu-se a SOLIDARITAS, reunindo 30 das mais prósperas misericórdias portuguesas, com excepção de a de Lisboa, com um capital inicial de 1 milhão de contos. A intenção declarada é a de adquirir, a curto prazo, um banco e uma seguradora, de instalar uma importante firma de construção civil e uma rede de empresas subsidiárias, e de entrar em cadeia com outras instituições estrangeiras congéneres, de forma a promover uma fácil circulação de capitais.

A Sul, a Misericórdia de Lisboa é, por si só, uma potência financeira. O valor real do seu património não é conhecido, tal como acontece com a igreja. Mas sabe-se, de fonte limpa, que tem nos bancos 16 milhões de contos, só em depósitos à ordem, e que, no exercício de 1989, terá registado receitas globais de cerca de 100 milhões de contos.

A Misericórdia de Lisboa fez aprovar, já no ano em curso, uma reforma de estatutos que alarga o âmbito das suas actividades e lhe dá acesso aos mercados imobiliários e de construção. A Misericórdia de Lisboa, recorde-se, é accionista maioritário do Montepio Geral e possui uma fortíssima influência na Caixa Geral de Depósitos na qual o P. Vítor Melícias, actual provedor da Santa Casa, continua a desempenhar o lugar de Presidente da Assembleia Geral.

Quando as misericórdias portuguesas se transformarem em unidades empresariais subordinadas às leis do mercado, terão fácil acesso a áreas estratégicas e altamente rentáveis como, por exemplo, as que se oferecem às transacções imobiliárias, à exploração de hospitais e clínicas, ao ingresso nas bolsas, à gestão de escolas públicas, à administração de fundos para a habitação, à orientação dos dinheiros orçamentados para a solidariedade social (ainda há pouco tempo o Governo atribuiu ao IPSS uma verba de 36 milhões de contos), ao monopólio do turismo social e religioso, etc.

O Governo e os grupos financeiros olham estas mudanças com grande simpatia e aplanam-lhes os caminhos do futuro. Assim, o «Instituto Nacional de Habitação», organismo público, já anunciou a intenção de passar a banco hipotecário. Actividade que agora se inicia em Portugal e onde o INH irá ter, como acompanhantes, o BCP (Popular Español/OD) e o CARIPLO (grupo italiano a que pertence o «Médio Crédito Lombardo»), um dos membros da comissão de gestão do Vaticano). BCP e CARIPLO já «cruzaram» capitais e vão trocar serviços, em Itália e em Portugal, como bancos hipotecários e de poupança.

Esta linha de desenvolvimento financeiro entronca num sector de não menos vastas perspectivas. Trata-se da captação e aplicação das pequenas economias, função em que a igreja tem a experiência anterior do mutualismo católico. A prova das imensas potencialidades desta área veio recentemente de Espanha onde, sob a



égide da OD, se fusionaram as duas maiores «Cajas de Ahorros Y Pensiones», dando origem à mais importante instituição do género em toda a Europa.

Neste campo, os primeiros passos foram dados, no nosso país, pelo Montepio Geral, pela Caixa Geral dos Depósitos, pela União das Mutualidades e pela Associação dos Fundos de Pensões, estruturas nas quais, se fosse caso disso, poderíamos facilmente encontrar, como responsáveis, os mesmos tecnocratas que ligam sectores da igreja aos circuitos da alta finança.

A história que procurámos contar neste e em anteriores artigos envolve biliões de contos de interesses e avança abertamente pela área do poder. Liga-se com a acção de grupos minoritários que usam a religião como

trampolim de ambições pessoais. Tenta o episcopado católico com o «bezerro doirado» que tantos danos tem causado à igreja. Apela aos valores espirituais para mascarar as mais baixas intenções materialistas.

Mas não confundamos a igreja com os grupos que nela ascendem. Nem pensemos, sequer, que o povo católico é responsável por tais ambições desmedidas. Mesmo os bispos, mesmo o clero, tarde ou cedo se aperceberão de que estes caminhos não convêm à igreja.

A verdadeira «opção preferencial pelos pobres» consiste em viver com eles, em viver como eles, em lutar a seu lado.

Para quê, então, tanto poder? Para quê, tanto dinheiro?



# De Hiroshima a Bagdad (1)

■ José Casanova

Disse Truman em 6.8.1945 e repetiu Bush em 16.1.91: os bombardeamentos são militarmente inevitáveis, democraticamente indispensáveis e humanitariamente necessários. Legiões de propagandistas difundiram e difundem este discurso com tal insistência e através de meios de tal forma eficazes que tendem a transformá-lo em verdade universal. As vezes que se têm erguido em defesa da verdade sobre Hiroshima e Nagasaki não conseguiram repercutir com a amplitude que a desmistificação exige. É difícil anular os efeitos da gigantesca operação de mistificação e de lavagem de cérebros que subverteu e inverteu a verdade sobre a guerra do Golfo. Apesar das apregoadas maravilhas proporcionadas pela «nova era da informação»... ou por isso mesmo...

Assim, dois dos mais cruéis morticínios da história da humanidade aparecem, a quase meio século de distância um do outro, justificados pela mesma falsa argumentação, vestidos com as mesmas falsas roupagens democráticas e humanitárias, louvados como meritórias e vitoriosas acções das «forças do bem». São grandes os riscos de esta imagem preversa e hipócrita da realidade continuar a perdurar. A «explosão informativa» da época pós-televisão é uma explosão cuidadosamente comandada e controlada, que dispara o que «é interessante» e silencia o que «é importante». E sabe-se que os EUA são o maior e o mais importante produtor e distribuidor mundial de informação. Nas garras experientes do tio Sam o lápis azul da nova informação internacional cumpre exemplarmente o seu papel.

## Para que a Terra não esqueça

A 6 e 9.8.45 foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki duas bombas atómicas que provocaram a morte imediata de mais de 120 000 pessoas e um número superior de feridos. As consequências das duas explosões continuam ainda a fazer-se sentir, matando. Foi o mais cruel e horroroso morticínio da História. A decisão foi tomada, no essencial, por três pessoas: o presidente Truman, o sec. de Estado James Byrnes e o ministro da Guerra Henry Stimson. Nos dias imediatos foi lançada uma intensa campanha de propaganda procurando justificar o crime com alegadas exigências militares e com a «necessidade» de evitar milhares de mortes de americanos e aliados. Esta falsa versão continua a ser, ainda hoje, apresentada como verdadeira. Quando é caso disso, pois nos últimos tempos quase deixou de se falar

de Hiroshima e de Nagasaki. Na comunicação social portuguesa, tão vocacionada para efermérides, essa é uma referência cada vez menos frequente.

Frederic C. Clairmont, num importante artigo publicado no Monde Diplomatique, procedeu a uma fundamentada abordagem do problema a partir de um dossiê elaborado em 1946 pelos serviços secretos americanos e recentemente descoberto. O documento confirma apreciações entretanto produzidas por vários especialistas e demonstra a falsidade da versão difundida pelos responsáveis do holocausto. As bombas atómicas lançadas sobre as duas cidades japonesas eram desnecessárias do ponto de vista militar e constituíram o primeiro acto preparado da guerra fria.

Com efeito, o imperador tinha decidido render-se desde 20.6.45 e quer o embaixador do Japão em Moscovo quer o príncipe Konoye haviam encetado contactos com a URSS pedindo a sua interferência no sentido de pôr fim à guerra.

Sabe-se, por outro lado, que a Alemanha nazi capitulara em Maio; que o Japão perdera quase toda a sua aviação e marinha e que a sua defesa antiaérea havia sido destroçada pelos 7 000 raids dos B29 americanos... O almirante W. Leahy analisa assim a situação: «Os japoneses estavam já derrotados e prestes a capitular. O uso desta arma bárbara (...) não trouxe nenhuma contribuição material ao nosso combate contra o Japão. Os Estados Unidos, como primeiro país a utilizar esta bomba, adoptaram normas éticas semelhantes às dos bárbaros da Alta Idade Média». De facto. «Fazer regressar o Japão à Idade da Pedra» era o objectivo expresso designadamente pelo general Curtis Le May (chefe da Força Aérea dos EUA) que rejubilara, a 10 de Março, com o bombardeamento de Tóquio que provocou mais de 125 mil mortos e feridos.

A evolução da fraude sobre o número de «vidas poupadas» é significativa: Truman começou por «informar» que o lançamento das bombas poupava a vida «a 250 000 americanos; depois corrigiu: afinal tinham sido evitadas 500 mil perdas (americanas e aliadas) das quais 300 mil americanas; a seguir passou para meio milhão o número dos americanos poupados; veio a quedar-se na conta arredondada de 1 milhão de vidas salvas. Churchill, altamente experiente na matéria, deu-lhe uma preciosa ajuda elevando o número para 1 200 000; e o marechal britânico Arthur Harris, delirante, falava de 3 a 6 milhões de perdas evitadas.

Obviamente a ânsia de justificar o acto monstruoso não tinha a ver com problemas de consciência. «O aconteci-

mento mais importante da História» (Truman) fora friamente perpetrado e visava objectivos que de há muito povoavam as mentes de Truman e de Churchill. O primeiro, ainda senador, e numa altura em que Roosevelt considerava a hipótese de ajudar os soviéticos (então suportando todo o peso do exército nazi), objectara assim: «Se virmos que a Alemanha está em vias de ganhar a guerra daremos uma ajuda à Rússia; se virmos que a Rússia vai ganhar, então teremos que ajudar a Alemanha». E acrescentava: «Para que russos e alemães se matem, o mais possível, uns aos outros». Por seu turno J. Byrnes considerava que «a posse e o uso da bomba tornariam a Rússia mais controlável». Quanto a Churchill, estava nas suas sete quintas: em Fevereiro de 45 ele próprio ordenara (e o marechal Arthur Harris executara) a destruição de Dresde (cidade alemã sem quaisquer alvos militares e desprovida de quaisquer defesas) provocando 120 000 vítimas. O massacre foi cinicamente justificado como «uma ajuda aos nossos bravos aliados soviéticos». Na realidade tratava-se de um acto de conteúdo semelhante ao do ataque a Hiroshima e Nagasaki: visava travar o avanço do Exército Vermelho e era um aviso aos soviéticos. Ao ordenar a execução do morticínio de Dresde, Churchill «pensava na guerra fria». E na guerra quente, também: lorde Alanbrooke (citado por F.C. Clairmont) escrevia, em 22.7.45, no seu «Diário» que, segundo Churchill, «nós tínhamos agora nas mãos qualquer coisa que restabeleceria o equilíbrio com os russos» (...) «Churchill imaginava-se já em vias de liquidar todos os centros industriais soviéticos e todas as zonas com forte concentração populacional. Ele via-se como único detentor dessas bombas, capaz de as lançar onde quisesse, tornado todo poderoso e em condições de ditar as suas vontades a Staline». O bombardeamento atómico de Hiroshima e Nagasaki foi «a primeira operação de importância na guerra fria diplomática». O célebre discurso de Churchill em Fulton, em Maio de 46 (discurso lido por Churchill mas escrito com a colaboração de Truman, de James Byrnes e do financeiro Bernard Baruch), constitui uma peça de um processo já em desenvolvimento e confirma toda a crueza que presidia à estratégia elaborada.

Truman e Churchill pareciam feitos de encomenda para a tarefa: formavam uma parilha que se identificava totalmente no profundo anticomunismo, na cínica desumanização, na prática provada de carniceiros eméritos. A realidade actual mostra que tiveram dignos continuadores.

## Sondar o desconhecimento

■ M. H. Borges

Falar do que não é poderá ser algo estranho para um artigo que tem como objectivo evidenciar algumas encapotações democráticas.

Poderá ser mesmo acusado de discrepância da realidade ou, então, de um grande cepticismo sobre a divulgação de sondagens.

Continuamos avidamente a disfrutar, sem o pedir, da publicação de sondagens políticas. Aliás, qualquer jornal de bom tom tem hoje a cargo a divulgação de sondagens. Tornou-se tacitamente instituído que o cidadão quer e exige conhecer a «opinião generalizada» do que se pensa dos partidos e dos políticos portugueses. Ou então são os órgãos de comunicação que se convencem ou tentam convencer o público de como pensam os cidadãos.

Há alguns dias atrás, surgiram em dois jornais sondagens sobre o conhecimento, simpatia e competência dos órgãos do Governo.

Poderíamos comparar os dois jornais e tentar encontrar concordâncias ou não entre as duas sondagens, entre o modo e a metodologia utilizados...

Referindo-nos a uma delas, encomendada à Euroexpansão, o grau de conhecimento dos membros do Governo oscilava entre 83,9 por cento e 51,3 por cento. Uma interpretação linear, tal como foi feita, mostraria que os portugueses se encontram bem informados e conhecedores dos membros do Governo.

Atendendo a que a sondagem foi realizada através de um painel, que, grosso modo, se explica por indivíduos angariados para responder sistematicamente a sondagens,

esta situação implica que os entrevistados se mantêm, ainda que inconscientemente, informados sobre questões de actualidade e «controlem» o próprio modo de responder às questões.

Este tão elevado grau de conhecimento assim divulgado poderá ser, relativamente, desmentido por outra sondagem, esta da responsabilidade da Euroteste, publicada noutro jornal, onde o grau de notoriedade oscila entre 52,5 por cento e 9,6 por cento...

Estes resultados - conhecendo-se as realidades nacionais, onde se confunde muitas vezes quem é o Primeiro-Ministro e quem é o Presidente da República e onde as eleições legislativas são conhecidas por «escolha do Primeiro-Ministro» - parecem mais plausíveis.

A própria ficha técnica publicada a respeito desta última sondagem, revela que ela foi feita a nível nacional, com quotas por habitante, sexo, idade e ocupação, de modo a que a amostra seja representativa da população.

As análises e interpretações que são efectuadas sobre quem é mais e menos conhecido, quem é mais e menos competente, não deixa de constituir mais uma manobra para promover o Governo no seu último fôlego de mandato.

O que parece mais importante nestas sondagens é precisamente falar do que não é dito. Perguntar, já que falamos de percentagens e números, quantos são aqueles que desconhecem quem detém o poder. Saber quantos são aqueles que não conhecem em quem votam...

Uma interpretação de qualquer tema, e especificamente de sondagens, tem à partida condicionamentos - analisar

todos os números da sondagem. Os não respondentes e aqueles que não sabem também responderam! São opiniões tão válidas como aquelas que dizem conhecer o indivíduo A ou B. Não se podem eliminar como excendentes dos resultados. Se o objectivo é conhecer quem é mais conhecido, e se surge uma percentagem elevada de desconhecimento ou de não resposta, é importante analisá-la e interpretá-la...

Contudo não se pode falar desses «anónimos respondentes», que os jornais não identificam com clareza. Se o tivessem feito com tanto empenho como em relação aos resultados dos respondentes conhecedores dos membros do Governo, talvez se verificasse que o impacto dado às competências e aos nomes sonantes se diluía no desconhecimento das personalidades que governam.

Uma das estratégias do PSD é precisamente a de dar a conhecer apenas meia dúzia de indivíduos, um ou dois líderes carismáticos, que se ostentam como estandartes dos seus feitos. Por outro lado, o partido do Governo mantém o eleitorado na ignorância de toda uma «equipa governativa». Deste modo, o eleitorado não necessita de se empenhar em conhecer como governa cada ministro ou secretário de Estado. Necessita apenas de olhar para o símbolo absoluto de quem lhes diz que tudo permanece estável, controlado, podendo os cidadãos ficar tranquilos...

A tendência para um afastamento do eleitorado da participação política nacional vem colocando seriamente em perigo a democracia em Portugal.

# Os índios na actualidade

Utilizamos com demasiada frequência a designação de «latinos» para os habitantes da América «Latina». Não será excessivamente redutor? Porque, na verdade, há também uma outra América. A América desses 20 milhões de ameríndios (termo mais adequado), contando apenas o subcontinente. Esta especificidade ameríndia, se nos podemos exprimir assim, demonstra que, ao fim e ao cabo, a América Latina não é tão latina quanto se pretende ou se tenta fazer crer.

A Bolívia é, como se sabe, o mais pobre país da América Latina depois do Haiti. É também a nação com maior percentagem de índios do sub continente. Representando mais de 65% numa população de 7 milhões de habitantes, os ameríndios Aymara e Quechua conseguiram em parte, contra ventos e marés, preservar a sua cultura. Entretanto, são sempre os primeiros a pagar os custos das políticas económicas elaboradas pelos Chicago Boys, totalmente inadaptadas à realidade boliviana. Neste país, pelo menos 102 crianças em cada 1000, em média, morrem antes de terem atingido um ano de idade. E nada é feito para evitar este flagelo. Tal como nos outros domínios, aliás. À imagem do que se passa com a propagação da epidemia de cólera no Peru. Pior ainda, as elites brancas desprezam, nesta sociedade a diferentes velocidades, os índios com o seu tradicional chapéu de coco, que habitam os bairros periféricos da capital económica, La Paz. O paradoxo de uma população maioritária, mas empurrada para a marginalização no seu próprio país.

No Norte, do outro lado da fronteira, as coisas não se passam melhor. No Peru, embora 46% da população (22 milhões de habitantes) seja ameríndia (Quechua e Aymara), também aqui não goza do direito de verdadeiramente participar na vida do seu país.

No Equador, país dirigido por Rodrigo Borge (esquerda democrática, membro da Internacional Socialista), considerado como a pequena Suíça da América Latina, as relações entre a população ameríndia do Equador (25% dos dez milhões de habitantes) e o resto da população parecem ter-se cristalizado na recusa de celebrar 1992. Dirigidos por Cristóbal Tapuy, responsável da Confederação das nacionalidades indígenas do Equador (CONAIE), os índios deste pequeno país reivindicam, em alto e bom som, o seu direito à terra, assim como o de beneficiar de uma real educação bilingue, sem falar da representação política.

Actualmente ainda não há qualquer deputado de origem indígena.

No Brasil, restam apenas aproximadamente 300.000 índios numa população de 150 milhões de habitantes. Esta população ameríndia está em vias de extinção, e na prática nada é feito pelo poder central para o evitar. Limitam-se a comemorar, em cada ano, o dia nacional do índio, com a presença do presidente e perante a Fundação Nacional dos Índios (FUNAI), criada em 1968 pelo Estado.

A verdade é que o primeiro mandatário do Brasil, apesar de ter, por exemplo, assinado a 19 de Abril de 1991, um decreto proibindo aos garimpeiros o acesso ao território dos índios yanomamis (Estado de Roraima), não está actualmente em condições de fazer respeitar os direitos elementares dos ameríndios, tanto às grandes multinacionais instaladas na Amazônia, como aos garimpeiros, responsáveis por todo o tipo de poluição, da desflorestação aos derrames de mercúrio, sem falar de certos massacres de ameríndios. É de recordar que, nomeadamente em Janeiro de 1986, estes mesmos garimpeiros mataram cerca de 60 tukanos...

## Condições precárias

Mais a Sul, os guaranis, no Mato Grosso, são atingidos por uma vaga de suicídios. Mais de 200 mortes em dois anos, em grande medida consequência da destruição, pelos brancos, da sua organização comunitária. No que respeita ao seu grande vizinho do Nordeste, a condição dos ameríndios é tida um pouco mais em consideração. Agrupados em reservas, os indígenas da Colômbia, repartidos por 400 tribus, representam 2% da população nacional (30 milhões) e lutam, desde a colonização espanhola, contra o sistema latifundiário. Foi preciso entretanto esperar por Fevereiro de 1982, para assistir, por iniciativa do CRIC (Conselho Regional Índio do Cauca), ao nascimento do seu próprio sistema representativo, através da Organização Nacional Índia da Colômbia (ONIC).

Menos de 10 anos depois, a 11, 12 e 13 de Janeiro de 1991, em Bogotá, no quadro de uma campanha internacional pelos «500 anos de resistência índia e popular», os representantes da América do Norte, do cone Sul dos países andinos e da América Central chegavam a acordo para denunciar o papel dos Estados Unidos na discriminação

racial assim como o de Espanha na apologia da celebração do 5º centenário da «descoberta». Nesta ocasião, os ameríndios, na sua grande maioria, afirmaram a intenção de denunciar todas as formas de comemoração oficial previstas para 1992. Aí mesmo foram eleitos dois delegados indígenas à Constituinte (entre 73 deputados), com o objectivo de colaborar na elaboração da nova Constituição do país. Foi aliás perante esta mudança política que o único grupo indígena de guerrilha, Quintin Lamé, decidiu abandonar a luta armada.

No resto do subcontinente, o problema indígena está em vias de ser «resolvido», se se pode falar assim. Porque não podemos deixar de constatar a extrema fragilidade da condição actual dos povos ameríndios na América do Sul.

No Chile, por exemplo, não são mais de 4% (mapuches, subtribu dos araucans, que no século passado chegou a contar com 2 milhões de pessoas) entre os 14 milhões de habitantes do país. Na Argentina (32 milhões de habitantes), concentram-se no Norte do país 4000 ameríndios wichi, toba, chorote. O governo da província tenta impor uma lei visando entregar as terras ancestrais dos índios aos grandes proprietários.

Quanto ao Guyana, num milhão de habitantes, 10% são ameríndios, incluindo os das tribus wai wai e makushi (num total de sete mil, estes últimos). Na Guyana francesa, contam-se 3000 ameríndios (oyampis, arawaks e emérellons) para 90000 habitantes.

Não esqueçamos, para terminar, este grito do fundo do coração, de um indígena de Paez, dirigido ao Papa João Paulo II, em 1988, quando da sua passagem pela Colômbia: «Vamos comemorar o 5º centenário da chegada do conquistador às nossas terras. Muitos acontecimentos houve entretanto que marcaram o destino dos nossos povos. Para nós, índios, foi uma inversão total da nossa história. Iremos viver o 5º centenário de uma história feita no silêncio do sofrimento, do desprezo, da marginalização, do martírio ignorado, porque é um martírio índio»...

■ Pierre Gelly Gallego  
Exclusivo  
Revolution *Avante!*



## PONTOS CARDEAIS

## Gazetilha

## A grande ausente

CIP está descontente.  
Greves dia após dia.  
E rindo a TV mente.  
Cada vez mais ausente  
a tal grande harmonia...

## O resto... é silêncio

Garantiu a comissão  
que escutou a Opinião.  
Houve grande aumento:  
aumentou a recessão  
aumentou a inflação  
aumentou a depressão  
na vida do cidadão.

Garantiu a comissão.  
O resto é televisão...

## O graça que maça e massa

Ó Graça, ó Graça,  
que maravilha  
faena e praça  
lá por sevilha...  
Vá, enche a bilha  
porque ninguém  
lá por Sevilha  
anda de graça.  
Andar de Graça  
paga-se bem...

De lança em riste  
lá anda à caça.  
Agora, ó Graça,  
entendo a massa  
o chispe, o chiste,  
que desapertas.  
Pois... Descobriste  
as descobertas...

## As nozes

Ó Fernando, Fernandinho  
que foi que te deu na bola?  
A andar por este caminho  
acabas pedindo esmola...

Morrem as apoteoses  
nas defesas por haver.  
Para quê há-de querer nozes  
quem dentes não pode ter?...

Escândalos?  
Lá vai mais um..

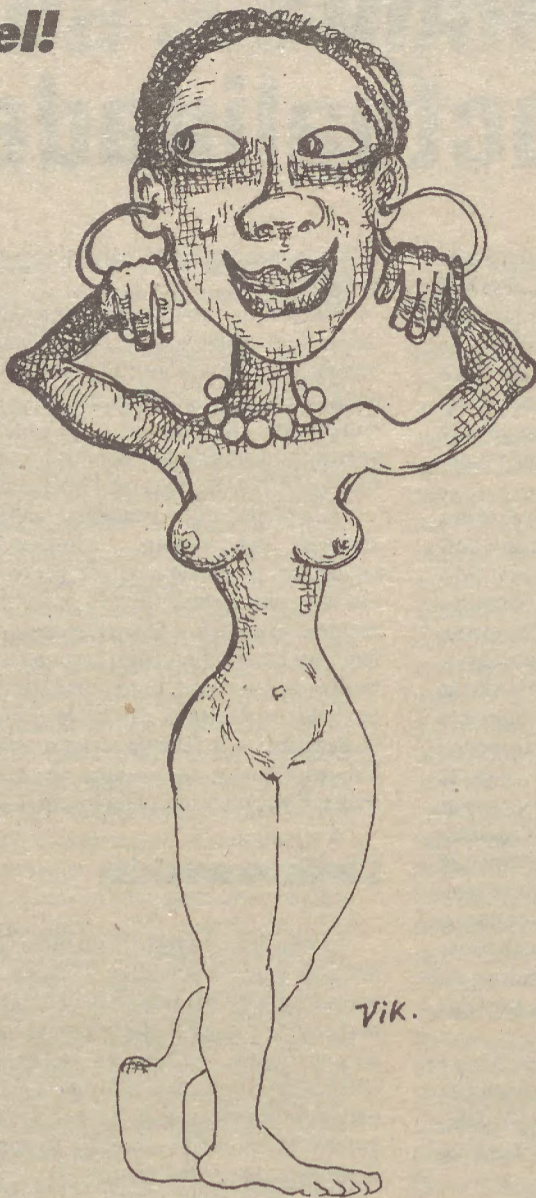
CAP encapada  
em tanta lábia  
de tanta pose  
foi acusada  
de estar na máfia  
da celulose...

E diz que foi  
tudo legal  
nada lhe dói  
etc. e tal  
toda fundida  
toda ofendida...

Palavreado  
na maior dose  
turvo apetite.  
Um mal dobrado:  
a celulose  
com celulite...

■ IGNOTUS SUM

## Incrível!



## «O noivo especial»

«Carlos Cáceres Monteiro, director-adjunto de «O Jornal», apresentou o seu último livro, «O enviado especial», na livraria Bookmakers do Rio de Janeiro. Sala a abarrotar, diplomatas, empresários, escritores, jornalistas. Foi na quinta-feira da semana passada, 25 de Julho, um dia depois do nosso cônsul-geral no Rio, Stíchini Vilela, assinalar a presença de Cáceres com um jantar no Palácio de São Clemente.

Havia entretanto uma cara nova que muito justamente foi o centro das atenções: a dra. Lucília de Carvalho, jovem médica que desde o dia 21 é a senhora Cáceres Monteiro. O mínimo que lhe perguntaram era se deixava o marido ir outra vez sozinho para o Golfo ou se lhe seguia o rasto pelos Médicos sem Fronteiras.

Carlos e Lucília, solenemente felizes, tinham feito do domingo do seu casamento uma data para partilhar com amigos: o Alcântara-Café encheu-se ao fim da tarde para um dos mais concorridos cocktails da história da sala.»

Que tal a prosa?  
Garantimos que nos

limitámos a transcrever.  
Até o título...

## Poucos amigos...

O mesmo semanário traz uma valente entrevista com o secretário de Estado Macário.

Interessantíssima para ficarmos a saber que «ambiente» espera os portugueses, se o Governo continuar para depois de Outubro... Ficamos a saber que o governante nasceu no dia das «petas». Que tem «alguma dificuldade em acreditar em extraterrestres», apesar de «acreditar em valores espirituais». Que gosta de si próprio apesar dos seus «quilinhos a mais». Que já apanhou duas bebedeiras «muito significativas»... E, à pergunta se tem amigos homossexuais, respondeu: «que eu saiba, não. E bastante me preocuparia se tal acontecesse». O governante explica a sua repugnância: «Os homossexuais têm comportamentos que não são da minha prática, não são da minha convivência e, como tal, não consigo ter esse convívio directo com alguém que tem hábitos e padrões tão diferentes dos meus. Portanto não tenho convívio próximo com nenhum homossexual. Que eu saiba».

Enfim: um ambiente completamente «limpo»...

## Aplausos

Quanto ao «DN», a recente privatização, se não lhe mudou a fachada e o formato e aquele ar seriozinho, introduziu algumas modificações que só o leitor distraído deixa passar sem ver. Discretamente passou a aplaudir com mais afinco o regime cavaquista, ora anunciando que os portugueses têm mais dinheiro, ora revelando que foram «melhoradas indemnizações de bens nacionalizados». Os comunistas, esses, continuam a ser tratados abaixo de gente, como acontece na edição a que nos reportamos, na qual, respigando uma frase na extensa entrevista dada por Álvaro Cunhal ao «Avante!», pretende mostrar que o secretário geral do PCP admite que os «comunistas estão debilitados». Mas debilitado não está Cavaco nem a sua excelentíssima família. Como pretende provar a foto do Primeiro, acompanhando a filha ao altar, com «aplausos à porta da igreja». Em tom de coluna social, o «DN» debruça-se sobre o evento, os convidados, os noivos, os padrinhos, o copo d'água, o passeio ao Quénia. E termina assim: «O novo casal vai residir no centro de Lisboa, na Rua Ferreira Lapa, perto do Marquês de Pombal. Patrícia Cavaco Silva levava um vestido cor de champanhe e na mão um ramo de rosas brancas»... Prosa de Verão? Ou de pré-campanha?

## frases da Semana



«Os espanhóis e os italianos querem fazer filmes eróticos em Portugal. E já escolheram o primeiro cenário: o castelo de Setúbal.»

«O Independente, 2.8.91

«Torres Couto desafia Cavaco a passar uma semana em Setúbal»

«Título do «DN», 4.8.91

«Prémio DN reúne 85 obras literárias»

«Título (1ª pág. «DN», 5.8.91

«Perante 25 mil pessoas. Sessão de Milanes em estádio italiano.»

«Título «DN», 6.8.91

«A revisão da lei das falências de modo a evitar que continuem artificialmente em actividade empresas sem qualquer viabilidade foi advogada esta semana em conferência de imprensa por Pedro Ferraz da Costa, presidente da Confederação da Indústria Portuguesa.»

««O Jornal», 2.8.91

«Se, numa primeira fase, o investimento estrangeiro no sector (da construção civil) se dirigiu à compra de algumas pequenas empresas, chegou agora a hora da aliança das grandes empresas portuguesas aos gigantes mundiais.»

««O Jornal», 2.8.91

# Agenda

9 Agosto  
**BAILE**  
com o conjunto  
**AETERNUN VALE**

23 Agosto  
**MÚSICA DO BRASIL**

30 Agosto  
**NOITE DE FADO**

16 Agosto  
**MÚSICA ao VIVO**

MOMENTOS AGRADÁVEIS COMO AMIGOS  
MARCA ENCONTRO COM ELES  
AS SEXTAS-FEIRAS, NO TERRAÇO  
às 21 horas!

**NOITES VITÓRIA**  
AGOSTO DO

## Debate em Armamar

### O VINHO E A FRUTA

na 2ª fase de adesão à CEE

Que solução para os pequenos  
e médios agricultores?

Domingo às 16 horas, no salão da Junta de  
Freguesia de Armamar,  
com a participação do camarada  
Agostinho Lopes

## RIO DE MOINHOS DO SADO

Dias 9, 10 e 11

### Festa «Vitória de Abril»

Baile todas as noites  
Noite de Fado no sábado  
Folclore na noite de domingo  
Comício no domingo às 21.00

## Convívio dos naturais do distrito de CASTELO BRANCO residentes em Lisboa e Setúbal

Domingo, dia 11  
na Fonte da Telha

Inscrições: em Lisboa no CT Vitória  
(3562715) e no CT do Barreiro  
(2051686).

## VI BIENAL

Antes Plásticas

Na Festa  
Um grande acontecimento  
na vida cultural portuguesa  
Uma mostra de diferentes  
modalidades técnicas e expressões  
estéticas das Artes Plásticas.  
Uma homenagem ao trabalho  
criativo dos artistas.  
Um estímulo à promoção da  
criação e da fruição cultural.  
Na Bienal um espaço dedicado a  
alguns artistas destacados da arte  
portuguesa contemporânea.



## Carlos Carvalhas em Brescos e Vila Nova de Milfontes

O camarada Carlos Carvalhas participa no próximo domingo no almoço-convívio que o PCP promove, integrado na Festa de Brescos, no concelho de Santiago do Cacém. Às 21 horas participa num comício em Vila Nova de Milfontes.

## Festas do Barrete Verde

O PCP participa no conjunto de actividades que decorrem este fim-de-semana em Alcochete, por ocasião das Festas do Barrete Verde, promovendo no sábado as seguintes iniciativas frente ao Centro de Trabalho local: de manhã, **Teatro ao Vivo**; às 21.00, **sessão CDU** com os candidatos **Eufrázio Filipe e Arnaldo Fernandes**.

## Sintra: jornada na Festa

Os camaradas de Sintra marcaram para sábado e domingo próximos mais uma jornada de trabalho na Festa do «Avante!». Para facilitar o transporte, uma camioneta partirá do CT do Cacém às 8 horas da manhã, assegurando depois o regresso. Por outro lado, a mesma organização manterá aberta a partir das 10 horas uma banca CDU na **Feira de S. Pedro**, que tem lugar no domingo.

## Convívio na Ericeira

Realiza-se no próximo sábado, promovido pela CDU, um convívio no Parque das Merendas na Ericeira. Cerca das 20 horas haverá fados (pelo Fado de Abril) e pouco depois uma intervenção política pelo camarada **Daniel Branco**, presidente da CM de Vila Franca de Xira e candidato CDU à AR.

## Vídeo CDU em Tires



A Comissão de Freguesia de S. Domingos de Rana volta no sábado a projectar filmes vídeo na tela montada no Largo de Tires, frente à Sociedade. A partir das 21.00.

Televisão

Quinta, 8

Canal 1
09.00 Ilhas Vivas
09.35 Rua Sésamo
10.00 Globo Ciência
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.05 Lá em Casa Tudo Bem
12.00 Culinária
12.15 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Delxem-nos Viver
14.00 O Império de Carson
14.50 Phil Collins em Berlim (II)
16.15 A Vida Continua...
17.00 O As da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.50 Volta a Portugal em Bicicleta
19.15 Roda da Sorte
20.00 Teletexto
20.40 Desenhos Animados
20.55 Sassá Mutema
21.50 Eternos Novatos
22.20 Os Culpados
23.10 Crônicas do Sobrenatural
23.40 24 Horas
24.00 Remate
00.15 Mar a Mar

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 A Força Astral
12.30 Curso de Inglês
12.45 Jerry Lewis Show
13.35 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora Escolha!
15.50 Nos Caminhos de James Cook
16.10 O Homem da Carabina
16.35 Recreio do 2
17.05 A Vida é Dura
17.50 Clip-Club
18.45 Direito de Amar
19.45 Via Rápida
19.50 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Palco de Estrelas
21.55 Especial Desporto
22.55 A Viagem Secreta (ver «Filmes na TV»)

Sexta, 9

Canal 1
09.00 Ilhas Vivas
09.35 Rua Sésamo
10.00 Globo Ciência
10.30 Cover Story
11.45 Caça ao Tesouro
12.00 Culinária
12.15 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 À Descoberta do Mundo
14.00 O Império de Carson
14.50 Festival Arista
15.50 A Vida Continua...
16.40 O As da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.50 Volta a Portugal em Bicicleta
19.15 Roda da Sorte
20.00 Teletexto
20.40 Desenhos Animados
20.55 Sassá Mutema
21.55 Fuga Sangrenta (ver «Filmes na TV»)
23.40 Cheers, Aquete Bar
00.10 24 Horas
00.30 Remate
00.45 A Grande Mentira

Canal 2

12.00 Notícias
12.05 Universo Juvenil
12.30 Curso de Inglês
12.45 O Caminho das Estrelas II
13.30 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora Escolha!
15.45 O Século dos Cirurgiões
16.20 As Aventuras de Black Beauty
16.35 Recreio do 2
17.05 Os Burladores
17.50 Clip-Club
18.45 Direito de Amar
19.40 Via Rápida
19.50 Circo
20.00 Nunca Mais é Sábado
21.00 Jornal das Nove
21.30 Desajo
22.15 Rotações
23.15 Derrick
00.05 Roseanne

Sábado, 10

Canal 1
09.00 À Mão de Semear
09.25 Canal Jovem
13.00 Notícias
13.15 Loucuras de Verão
13.40 Febre em Beverly Hills
14.25 Crosby, Stills and Nash
15.20 A Grande Fuga (ver «Filmes na TV»)
17.10 T & T
17.35 Memórias da Humanidade
18.25 Quem é Charlotte
19.15 Volta a Portugal em Bicicleta
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
21.35 Amor à Primeira Vista
22.10 Casa Cheia
22.50 Hercule Poirot
23.45 O Dossier 51 (ver «Filmes na TV»)

Canal 2

09.00 Circo
10.10 Stanley Jordan
11.00 Marajás
11.55 Mozart em Digressão
13.15 Agarra o 2
14.15 O Príncipe Valente (ver «Filmes na TV»)
16.00 Estádio
18.30 Jornal Fim-de-Semana
19.00 Outras Músicas
21.00 Estádio
23.30 Music Hall
00.30 Elvis Costello

Domingo, 11

Canal 1
09.00 Canal Jovem
11.30 Missa
12.30 70 x 7
13.00 Notícias
13.15 Os Jovens Cowboys
14.00 National Geographic
14.50 Mapa Cor de Rock
15.45 Desenhos Animados
15.55 Robin dos Bosques (ver «Filmes na TV»)
17.20 Hale and Page
17.45 Mistura Fina
18.55 McGyver
20.00 Jornal de Domingo
21.00 Kananga do Japão
22.35 Domingo Desportivo
23.50 Viagem ao Maravilhoso

Canal 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 Fora de Horas
10.30 Regiões Magazine
11.30 Agarra o 2
12.30 Competir
12.35 Primeiro Jornal
12.40 Troféu
18.00 Circo
18.20 Vida Nova
19.10 Bastidores da Casa Branca
20.00 Luz na Sombra
21.00 Nós Dols
22.00 Artes e Letras - «Marilyn Monroe»
22.50 A Culpa foi do Macaco (ver «Filmes na TV»)
00.30 Tauromaquia

Segunda, 12

Canal 1
09.00 Ilhas Vivas
09.35 Rua Sésamo
10.00 Eurosul
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.05 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.15 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 América Selva
14.00 O Império de Carson
14.55 Knebworth 90 - I
15.55 A Vida Continua...
16.40 O As da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Teletexto
20.25 Sassá Mutema
21.20 Jogos Sem Fronteiras
23.00 Praia da China
23.30 24 Horas
00.05 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 Flash Gordon
12.30 Curso de Inglês
12.40 Bate, Bate, Coração
13.35 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas

Filmes na TV

Em Agosto do próximo ano um dos mais famosos desenhadores de BD de sempre, Harold Foster, completaria 100 anos de uma vida prodigiosamente vivida. Nasceu em Halifax, no Canadá, Hal Foster foi sucessivamente pesquisador de ouro, boxeur, guia em Manitoba até se fixar em 1921 em Chicago (onde chegou de bicicleta...) e seguiu uma série de cursos de belas-artes.

Em 1929 desenharia as primeiras bandas com Tarzan, que retomaria em 1930 após um breve intervalo para apenas as entregar a Hogarth em 1937 depois de ter revolucionado completamente o comic strip norte-americano. Convidado a fazer uma série inteiramente sua, iniciaria naquele mesmo ano o que se mantém como uma das grandes obras-primas da cultura popular do século XX: as aventuras do Príncipe Valente.

Embora para alguns puristas a obra de Hal Foster se afaste da estrita definição de BD (nomeadamente, faltam-lhe os balões), o Príncipe Valente mantém-se pela beleza do seu traço, pelo dinamismo do seu movimento, pelo rigor da sua documentação iconográfica e pela sua culta inteligência narrativa como um marco dificilmente ultrapassável.

A influência de Foster sobre outros nomes grandes da BD norte-americana como Alex Raymond e Clarence Gray é evidente, tal como sobre criadores europeus (o refrase Eduardo Teixeira Coelho, que adoptaria o nome de Martin Sièvre para desenhar para o semanário de BD francesa «Valliant» o seu «Ragnar le Viking».

Viagem Secreta «The Foreman went to France» (GBret/1941). Realização de Charles Friend, interpretação de Tommy Trinder, Constance Cummings, Clifford Evans, Robert Morley. P/B, 84 minutos.

Canal 1
09.00 Ilhas Vivas
09.35 Rua Sésamo
10.00 Eurosul
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.05 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.10 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 O Corpo Humano
14.00 O Império de Carson
15.00 Knebworth 90 - III
16.00 A Vida Continua...
17.00 O As da Polícia
17.25 Brinca Brincando
18.45 Roda da Sorte
19.30 Teletexto
20.20 Sassá Mutema
21.30 Vamos Jogar no Totobola
21.45 A Flor do Deserto (Ver «Filmes na TV»)
23.30 24 Horas
00.05 Remate

Canal 2
12.00 Primeiro Jornal
12.10 2020 - Policia em Acção
12.25 Curso de Inglês
12.40 Guarda Florestal
13.30 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
15.50 Atores - Gente Nossa
16.35 Recreio do 2
17.10 Mulheres no Mundo
17.50 Clip-Club
18.40 Direito de Amar
19.40 Via Rápida
19.55 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 A Música de Duke Ellington
22.30 Pop-Off
23.35 Universidade Aberta

Fuga Sangrenta «The Rescue» (EUA/1988). Realização de Ferdinand Fairfax, interpretação de Kevin Dillon, Christina Naranos, Marc Price. Cor, 93 minutos.



O Príncipe Valente



Hal Foster

TOO LONG HAVE YOU MADE ME A HERO, FOSTER, NOW WRITE SOME ASANT SIN INTO MY SAGA

Um invulgar Príncipe Valente desenhado por Foster: dirigindo-se ao seu criador, autocarturado ao fundo, o príncipe desaba: «Fizeste de mim um herói por demasiado tempo, Foster, escreve agora alguns pecados agradáveis na minha saga!»

A Grande Fuga «Running Scared» (EUA/1980). Realização de Paul Glickler, interpretação de Ken Wahl, Judge Reinhold, Bradford Dillman. Cor, 92 minutos.

O Príncipe Valente «Prince Valiant» (EUA/1954). Realização de Henry Hathaway, interpretação de James Mason, Janet Leigh, Robert Wagner, Debra Paget. Cor, 96 minutos.

O Dossier 51 «Dossier 51». Realização de Michael Deville, interpretação de François Marthouret, Claude Marcault, Philippe Rouleau. Cor, 105 minutos.

A Culpa foi do Macaco «Monkey Business» (EUA/1952). Realização de Howard Hawks, interpretação de Cary Grant, Ginger Rogers, Charles Coburn, Marilyn Monroe. P/B, 93 minutos.

Tempo Ceu pouco nublado ou limpo no fim-de-semana, com uma pequena subida de temperatura no sábado, é a previsão do INMG.



CINEMA

Table with 5 columns: Rating (A, B, C, D), Title, David Lopes, M. M. Luz, Manuel Neves, Paulo Torres.

Classificação de \* a \*\*\*\*\*
A - Real. Irwin Winkler - King TripleX/2 (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) - Lisboa.
B - Real. Jean-Luc Godard - King TripleX/3 (13.15) - Lisboa.
C - Real. Peter Bogdanovich - Amoreiras/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), Quarteto/1 (14.30, 17.00, 19.30, 21.45, 24.00) - Lisboa.
D - Real. Idrissa Ouedraogo - King TripleX/3 (15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.15) - Lisboa.

TEATRO

TEATRO ABERTO
Pç. de Espanha. Tel. 7970969. De 4ª a sáb. às 21. dom. às 16. A RAPARIGA DE VARSÓVIA, de Mário de Carvalho, encenação de Fernanda Lapa, produção do Novo Grupo.

RITZ CLUB
Rua da Glória, 57. Tel. 3425140. De 5ª a dom. às 21.30. HOMEM QUE É HOMEM, encenação de Alexandra Solnado.

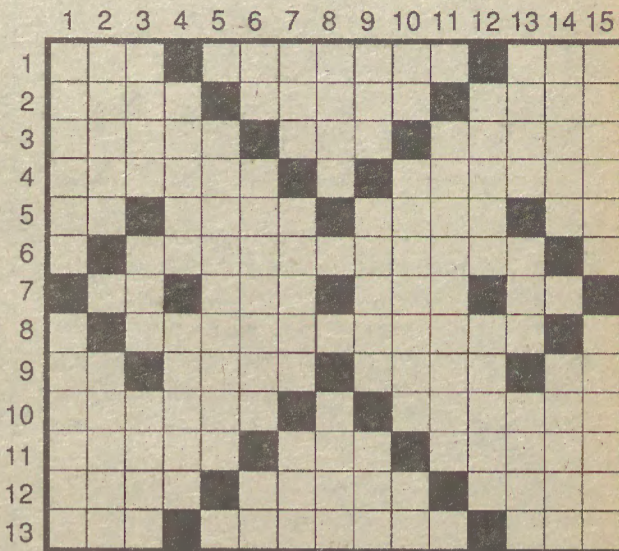
TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Ten. Raul Cascais. Tel. 3961515. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. ATÉ QUE COMO O QUÊ QUASE, de Samuel Beckett. Encenação de Luis Miguel Cintra, interpretação do Teatro da Comucópia.

TEATRO MARIA VITÓRIA
Parque Mayer. Tel. 3475454. De 3ª a dom. 20.30 e às 23. A GRANDE FESTA, encenação de Francisco Nicholson.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Rossio. Tel. 372629. De 3ª a sáb. às 21.30, sáb. e dom. às 16.00. PASSA POR MIM NO ROSSIO, texto e encenação de Filipe La Féria, interpretação do elenco do Teatro Nacional e dos actores convidados José Jorge Duarte, Rita Ribeiro e Simone de Oliveira.

TEATRO MIRITA CASIMIRO
Cruzeiro, Monte Estoril. Tel. 4670320. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17. O PECADO DE JOÃO AGONIA, de Bernardo Santareno. Encenação de Carlos Avilez, interpretação de Sérgio Silva, Lia Gama, Zita Duarte, Santos Manuel, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais 1-Moldura; vexame; casa onde se tomam bebidas; 2-abrota; ferro puxado à feira; pátria de Maomé; 3-termina; base aérea; freg. de Lisboa cujo nome é a praia de onde partiu Vasco da Gama para a Índia; 4-saltador marítimo; chocho; 5-prep.; lodo; jogo desportivo; art.; 6-auxilia riam; 7- letra grega; ice; cont. de prep. e art.; adv.; 8- lagartixas; 9- batráquio; vender a crédito; reboam; simb. do Cobre; 10-planta leguminosa (pl.); mulher que predizia o futuro entre os antigos; 11- proteges; ligo; freira; 12- procedem; competir; nome fem.; 13- ruído; gritaria; desacompanhados.

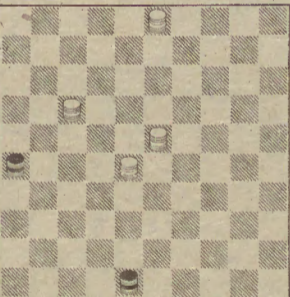
Verticais 1- Festins; canções; 2- pileca; cito; 3- califa que queimou a biblioteca de Alexandria; coragem; acóli; 4- comovo; amolam; 5- assaltarias; 6- simb. do Rádio; modelas; art. esp.; 7- círculo; refinar; patroa; 8- poeta; peixe da costa algarvia; 9- governanta; implores; interj.; 10- pron. pess.; demorados; letra grega (inv.); 11- apertais a pele com a ponta dos dedos; 12- fruto; um e outro; 13- formosa; conj.; cóleras; 14- ano; corpo gasto de sabor cáustico e cheiro activo; 15- ramalhuda; ressuraras.

Solução do número anterior
Horizontais 1-Camões; Chiado; 2- ecoar; Ana; amar; 3- lhe; calosias; ala; 5- ata; ramosas; ol; 6- sem; foi; 7- lonas; tubos; 8- Ari; adonava; oro; 9- nata; apara; anel; 10- âmago; ala; aroma; 11- dirá; asado; arar; 12- orate; aro; trova; 13- soma; brasa; asa.

Verticais 1-Celta; fanados; 2- achato; Ramira; 3- moela; litaram; 4- oa; só; ágata; 5- erc; Reno; 6- acamada; 7- alar; sopasar; 8- anosos; ralar; 9- asas; tarados; 10- Arafuva; 11- há; soba; 12- ir; lro; arara; 13- amado; sonoros; 14- Dalila; remava; 15- orara; colaras.

DAMAS

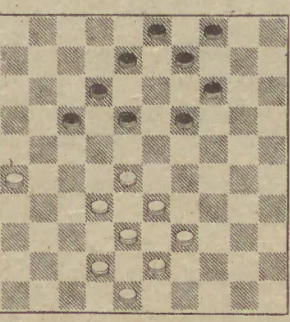
CCCXVI - 8 de Agosto 1991
Proposição nº 316
Por: Boufflier
In: Tratado de Manoury, 1787
Pr.: [2]: (26)-(48)
Br.: [4]: (3)-(17)-(23)-(28)



Branças jogam e ganham (5 T)

Golpe Nº 316
Por: Louis Coutelan - 1940

Pr.: [9]: 3-4-8-9-12-14-17-18-19
Br.: [19]: 26-28-32-33-38-39-42-43-48



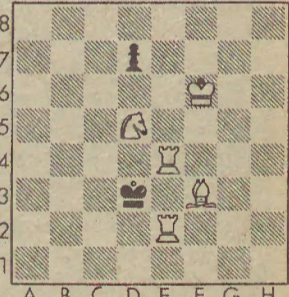
Branças jogam e ganham (5 T)

Soluções do Nº CCCXVI

Nº 316 (B.): 1. 17-8! Se: 1. .... (48-25); 2. 23-14 e+ Se: 1. .... (26-31); 2. 28-37 e 3. 8-30 e 4. 23-14 e

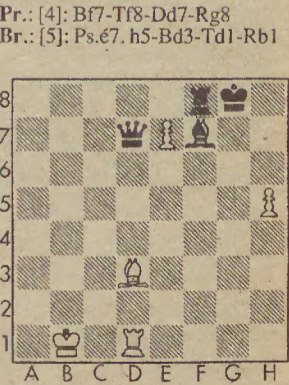
XADREZ

CCCXVI - 8 de Agosto de 1991
Proposição nº 316/A
Por: William Greenwood
Ill. London News, Dez. 1859
Pr.: [2]: Pd7-Rd3
Br.: [5]: Cd5-Bf3-Ts.e2-64-Rf6



Mate em 3 lances

Proposição nº 316/B
Por: A. O. Herbstmann
2º Prémio: Työvien Skakki, 1934



Branças jogam e ganham

Soluções do Nº CCCXVI

Nº 316/A (W.G.): 1. Bh1!, d6; 2. Tg2, R.e4; 3. Td2++ Nº 316/B (A.O.H.): 1. Bh7+, Rh8; 2. e:f8=T+; B.g8; 3. T.g8 e ganha. 1. .... R.g7; 2. e:f8=B+ e ganha. 1. .... Rh7; 2. e:f8=C+; R.g8; 3. Cd7 e ganha. 3. T.d7, R.f8; 4. h6, R.g8; 5. h7+, Rh8=

## ÚLTIMAS

# a talhe de FOICE

A cimeira soviético-americana que há dias reuniu em Moscovo os presidentes Gorbatchov e Bush para a assinatura do tratado START fez correr rios de tinta em todo o mundo. Ao fim de dez anos de longas e morosas conversações, a URSS e os EUA acordaram finalmente na redução de 30 por cento dos seus armamentos nucleares estratégicos.

Curiosamente, a redução de tão mortíferas armas emocionou muito menos os meios de comunicação social e, através deles, a opinião pública, do que o seu significado político.

É que não obstante a pompa e circunstância que rodeou o acontecimento ninguém conseguiu escamotear o facto de o acordo START ter, por um lado, ficado aquém das expectativas iniciais (pretendia-se a redução de 50 por cento do referido armamento) e, por outro, se ter limitado a mandar para a sucata armas já ultrapassadas pela tecnologia de ambos os países. Com a particularidade de se manter inalterável a capacidade destrutiva do armamento nuclear existente, bastante para destruir várias vezes o único planeta que temos para viver.

Daí que o acontecimento vale pelo que simbolicamente representa e pelas perspectivas que abre no relacionamento internacional. Não foi certamente por acaso que o Médio Oriente esteve na agenda dos dois chefes de Estado e que a cimeira foi escolhida para avançar com a data da realização da tão falada conferência internacional para a paz israelo-árabe.

Contraditoriamente, é neste domínio - das relações internacionais - que as mais sérias dúvidas se colocam quanto ao futuro. O chamado equilíbrio entre os dois países não passa hoje de ficção. A grave crise económica em que se encontra mergulhada a URSS colocou (ou está em vias de colocar) o país numa situação de dependência cujas consequências são difíceis de avaliar.

Na cimeira dos 7, em Londres, o presidente soviético recebeu muitos conselhos dos grandes do capitalismo e nenhuma ajuda. Em Moscovo, Bush reforçou os conselhos e entrou deliberadamente no campo da ingerência nos assuntos internos, que nem os avisos mais ou menos velados aos independentistas em favor do poder central conseguiram disfarçar.

Delicadamente - e sem nunca deixarem de acenar com a cenoura - os norte-americanos vão dizendo que ajuda económica sim, mas... E já não se cobrem de apontar as indesejáveis relações de Moscovo com Havana, a insuficiência das reformas, a inépcia das medidas, a preocupante instabilidade social. Dir-se-á que tudo isso é natural, que nenhum bom investidor descuida as condições do seu eventual investimento. Só que a questão não é essa. A nível de Estados, só o respeito mútuo pode cimentar a tal nova era das relações internacionais. E cooperação não pode significar dominação, seja ela qual for, pois isso será subverter por completo os princípios em que devem assentar essas relações.

Num país com as potencialidades da URSS a resolução dos problemas económicos não passa certamente pela inundação do mercado com dólares, mas antes pela reactivação e modernização da própria economia. Com ajudas externas, sem dúvida, mas com base na vantagem mútua.

Será isto esperar demasiado da aproximação soviético-americana? Talvez. Se os soviéticos abdicarem da sua independência e soberania nacionais. Mas nesse caso nada de melhor estará a despontar na cena internacional e as cantadas cimeiras de amizade e cooperação, como a que recentemente teve lugar em Moscovo, não passarão de show business para impor ao mundo a pax americana.

AF

## Até ao fim desta semana CDU formaliza todas as candidaturas

Todas as listas de candidatos da Coligação Democrática Unitária PCP-PEV estarão entregues nos tribunais judiciais dos 22 círculos eleitorais até ao fim desta semana. A formalização das candidaturas tem como data limite o dia 12 de

Agosto, mas a CDU iniciou este processo ainda no final de Julho, com a entrega das listas de Beja, Porto, Guarda, Vila Real e Coimbra. Nos primeiros dias de Agosto foram entregues as listas de candidatos pelos círculos eleitorais da RA da Madeira,

de Leiria, Viseu, Braga, Faro, Castelo Branco, Viana do Castelo, Europa, Fora da Europa, Setúbal, Lisboa e RA dos Açores. Hoje e amanhã deverão ser entregues as listas de Aveiro, Évora, Santarém, Portalegre e Bragança. Neste número do



«Avante!» (ver pág. 6) concluímos a publicação integral das listas de candidatos da CDU. As primeiras novidades no que respeita a nomes de candidatos da coligação foram por nós divulgadas, recordamos, na véspera do 25 de Abril.

## Iniciativas

À medida que se aproxima a data das eleições legislativas, intensifica-se o trabalho de esclarecimento e sensibilização para o voto na Coligação Democrática Unitária PCP-PEV. Entre outras iniciativas marcadas para os próximos dias (ver Agenda na pág. 17), figuram as Festas do Barrete Verde em Alcochete, a festa Vitória de Abril em Rio de Moinhos do Sado, um convívio no Parque das Merendas da Ericeira e uma sessão-debate com Agostinho Lopes em Armamar.

Carlos Carvalhas está no domingo na festa de Brescos (Santiago do Cacém).

Em Lisboa, prosseguem as Noites do Vitória, todas as sextas-feiras, a partir das 21 horas, no terraço do centro de trabalho do PCP.

A CDU da capital anunciou para o fim da tarde de 29 de Agosto, na Voz do Operário, um convívio de representantes de trabalhadores com o secretário-geral adjunto do PCP e cabeça-de-lista da coligação pelo distrito. Este encontro com Carlos Carvalhas incluirá um beberete e as inscrições estão abertas desde já no CT Vitória.



## Polícia de choque contra agricultores

A mando do Governo, a Polícia de Intervenção impediu na segunda-feira uma concentração de agricultores convocada para o mercado de Caldas da Rainha. Com a concentração e um desfile de tractores a Federação dos Agricultores do Distrito de Leiria - de acordo com um comunicado da direcção da CNA, de que é filiada - «pretendia não deixar esquecer as principais reclamações e propostas ao Governo», nomeadamente no que respeita ao escoamento da carne e do vinho a preços compensadores para a produção, à tomada de «medidas especiais para impedir a especulação e o contrabando com estes e outros produtos» e a baixa do

custo dos factores de produção para os níveis da CEE.

Anunciando novas acções de protesto de agricultores «face à grave situação em que o Governo deixou cair a agricultura nacional», a direcção da Confederação Nacional da Agricultura pergunta ao executivo chefiado por Cavaco Silva se «é pela via da repressão e da violência policial que vai promover a melhoria das condições de vida dos agricultores portugueses», e interroga «em especial» o primeiro-ministro: «é isto a estabilidade e o progresso que anda a prometer aos portugueses, estabilidade e progresso servidos pela polícia de choque na ponta do cassetete».

## Crianças trabalham no hospital de P. Delgada

No hospital de Ponta Delgada há crianças a executar trabalhos impróprios para a sua idade e a ser pagas segundo tabelas dúbias, o que demonstra o agravamento na Região da exploração de mão-de-obra infantil. A denúncia pública foi feita pela JCP da ilha de São Miguel, em nota à comunicação social e em cartas ao director do hospital e ao inspector regional do Trabalho, «para que desde já se elimine esta situação».

Afirmando que a existência de crianças a trabalhar em tais condições «é do, nosso conhecimento, como é do conhecimento da maioria dos trabalhadores» do hospital, a Juventude Comunista Portuguesa daquela ilha açoriana atribui ao empregador que emprega os menores a «responsabilidade primeira». Mas «a responsabilidade maior cabe a quem administra o hospital e a quem deve fiscalizar» tais matérias. Para os jovens comunistas de São Miguel esta responsabilidade é agravada pelo facto de, após várias remodelações, a vigilância do hospital não permitir a entrada de ninguém sem pedir identificação.

## CPPC pede à ONU fim das sanções contra povo iraquiano

O levantamento das sanções que põem em risco a saúde e a sobrevivência da população civil iraquiana, em particular das crianças, foi pedida pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) em carta enviada ao Secretário-Geral da ONU, Perez de Cuellar, no passado dia 31 de Julho, com pedido de divulgação aos países membros do Conselho de Segurança.

Para o CPPC «a situação na área do Golfo é de alto risco e envolve a ONU em enormes responsabilidades presentes e futuras», já que as sanções impostas ao Iraque não se limitam, pela sua natu-

reza e extensão, «a castigar um Estado que cometeu uma agressão e violou a ordem internacional», antes castigando, indiscriminadamente, «uma população inteira».

Reportando-se às notícias veiculadas pela imprensa internacional, segundo as quais 170 000 crianças iraquianas correm perigo de vida devido à falta de alimentos e de medicamentos, o CPPC classifica de «angustiosa e desumana» uma tal situação «que ofende a consciência universal, espezinha o mais sagrado dos direitos humanos, o direito à vida, e representa uma crueldade sem nome».

Considerando que a guerra do Golfo, «conduzida sob a responsabilidade política e moral da ONU», não pode ter como herança trágica «a morte, à míngua de alimentos e de recursos médicos, de muitos milhares de crianças iraquianas», o CPPC sublinha ser inadmissível a utilização de uma «metodologia primitiva» que condene, com o Estado designado culposo, a respectiva população «à miséria, à subnutrição, à doença e a morte».

A propósito, o CPPC recorda que «ao bloqueio dos fornecimentos impostos para castigar actos de agressão» se

projecta acrescentar «uma panóplia de medidas militares punitivas da maior gravidade, como se fosse legítimo dar à paz o alto preço das destruições e das acções de guerra».

Fazendo notar que aquela «sinistra hipótese» agravaria a já dramática situação da população civil e das crianças iraquianas, o CPPC manifesta a Perez de Cuellar «o seu sentimento unânime no sentido de serem levantadas as sanções que criam riscos desumanos e afectam as condições normais de vida da população do Iraque e, em especial, das crianças iraquianas».